

Centro Universitário Belas Artes São Paulo

Diogo Nogueira

**Imagens Vestígio: a relação do texto e registro de imagens
com a memória na pintura.**

São Paulo

2009

Centro Universitário Belas Artes São Paulo
Bacharelado em Artes Visuais: Gravura, Pintura e Escultura

**Imagens Vestígio: a relação do texto e registro de imagens
com a memória na pintura.**

Diogo Nogueira

São Paulo

2009

Diogo Nogueira

**Imagens Vestígio: a relação do texto e registro de imagens
com a memória na pintura.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Artes Visuais: Gravura, Pintura e Escultura do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Pintura, sob a orientação do Prof. Dercy Pereira.

São Paulo

2009

SILVA, Diogo Nogueira.

Imagens Vestígio: a relação do texto e registro de imagens com a memória na pintura. / Diogo Nogueira Silva. —

São Paulo: 2009

63 f.

Orientador Prof. Dercy Pereira.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) — Bacharelado em Artes Visuais: Gravura, Pintura e Escultura do Centro Universitário Belas Artes São Paulo 2009

Inclui anexo e Bibliografia.

1. Pintura 2. Camadas 3. Memória I. Pereira, Dercy. II Bacharelado em Artes Visuais: Gravura, Pintura e Escultura do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. III. Título.

Diogo Nogueira

Imagens Vestígio: a relação do texto e registro de imagens com a memória na
pintura.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Artes
Visuais: Gravura, Pintura e Escultura do Centro Universitário Belas
Artes de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do grau
de Bacharel em Pintura, sob a orientação do Prof. Dercy Pereira.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Nome do Professor

Instituição:

Nome do Professor

Instituição:

Nome do Professor

Instituição

Para Zino.

“Os quadros mais bonitos são aqueles com que sonhamos
quando fumamos cachimbo na cama, mas que jamais pintamos”

Vicent Van Gogh

AGRADECIMENTOS

Ao centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Á coordenadora de curso Profa. Dra. Helena Escobar da Silva Freddi.

Ao meu orientador, Prof. Dercy Pereira

Aos professores (não só os do curso, mas os da vida) que de formas inimagináveis contribuíram para este projeto.

Á meu avô Zino, pelas histórias.

Á meus pais e avó, Cícero, Regina e Rosa.

Á meu eterno professor, amigo e conselheiro Ismael Costa Dias.

Ao Grupo Fixus e agregados.

A todos meus amigos que me trouxeram até aqui.

Sumário

1. Era uma vez um papel em branco (ou Introdução).....	12
1.1. Signos, Símbolos e índices na construção da pintura.....	14
1.2. Cores, camadas e memória: A construção do universo da imagem.....	17
1.3. Imagens Vestígio: apropriação de imagens do mundo	19
2. De onde as telas crescem: o conto como processo para a pintura.....	20
3. Do branco algodão até as sujas lembranças: procedimentos e materiais.....	23
3.1 Materiais.....	23
3.2 Procedimentos	24
4. Placas e informações que segui para chegar aqui: Referências.....	28
5. Já era como foi: Considerações finais.	31
6. Bibliografia.....	32
7. Pinturas.....	33
8. Anexos.....	39
8.1. Cadernos.....	39
8.2. Conto “De onde os medos crescem”.....	42

Lista de figuras:

- Figura 116
 (detalhe) *No quintal da infância: brinquedos que não foram meus. (Série De onde os medos crescem)*, 2009
Diogo Nogueira
 (Silhueta)
- Figura 218
 (detalhe) *No quintal da infância: brinquedos que não foram meus. (Série De onde os medos crescem)*, 2009
Diogo Nogueira
 (Ícone, Índice, Símbolo)
- Figura 324
 Esboço de “*Faça força, Abra bem os olhos*”
 Caderno Coleta de Imagens, 2009
- Figura 425
 Pranchas iniciais da pintura “*Faça força, Abra bem os olhos*”
- Figura 525
 Recorte de camadas, “*Faça força, Abra bem os olhos*”
- Figura 626
 Retirada de mascara “*Ela Tinha Sonhos, mas quem vive deles*”
- Figura 726
 Máscaras em “*Faça força, Abra bem os olhos*”
- Figura 827
 (detalhe) “*Faça força, Abra bem os olhos*”
- Figura 928
Desvario de um Iconoclasta (Série Agonia do Nosso Tempo), 1974
 óleo sobre tela
 41 x 33 cm
Octávio Araújo
 Coleção do Artista
- Figura 1029
Margarete, 1981
 Óleo e palha sobre tela
 280 x 380 cm
Anselm Kiefer
 Saatchi Collection, Londres
- Figura 1129
Laika, 1995
 Acrílica, pó de ferro, pó de madeira e laca sobre cretone,
 215 x 160 cm
Daniel Senise
 Coleção do Artista

- Figura 1230
Las Luces, Looses, and Losses, 2005
 Técnicas mistas sobre tela.
 152 x 76 cm
Trenton Doyle Hancock
- Figura 1332
O Duplo, 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, linha de costura e grafite sobre algodão.
 120 x 73 cm
Diogo Nogueira
- Figura 1433
A vida é quase toda poleiro, 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, linha de costura e grafite sobre algodão.
 120 x 73 cm
Diogo Nogueira
- Figura 1534
Faça força, Abra bem os olhos, 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, linha de costura e grafite sobre algodão.
 120 x 73 cm
Diogo Nogueira
- Figura 1635
Introdução ao pesadelo premonitório. (Série De onde os medos crescem), 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, barbante, atadura e grafite sobre algodão.
 150 x 95 cm
Diogo Nogueira
- Figura 1736
No quintal da infância: brinquedos que não foram meus. (Série De onde os medos crescem), 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, barbante, atadura e grafite sobre algodão.
 150 x 95 cm
Diogo Nogueira
- Figura 1837
Ela tinha sonhos, mas quem vive deles? (Série De onde os medos crescem), 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, barbante, atadura e grafite sobre algodão.
 150 x 95 cm
Diogo Nogueira
- Figura 1938
 Caderno Coleta de Imagens, 2009
 14,8 x 21 cm
Diogo Nogueira
- Figura 2039
 Pagina do Caderno Coleta de Imagens
- Figura 2139
 Pagina do caderno coleta de imagens
- Figura 2240
 Cópia do caderno do meu avô, 1996
 14,8 x 21 cm

RESUMO

No texto a seguir irei apresentar meu projeto de pintura, desenvolver seus preceitos conceituais e exemplificar seus processos.

O trabalho “Imagens Vestígio” é resultado de uma longa pesquisa em pintura. Uso de um conto chamado “De onde os medos crescem” escrito por mim com o objetivo de desenvolver as imagens e relações simbólicas em minha pintura.

O procedimento que é iniciando por uma coleta de imagens, passando-as para a construção de um conto. As imagens do conto se transformam em desenhos e estes vão o para a pintura.

Quando construo a tela pretendo investigar as camadas, a mancha, a linha, colagens e outros recursos de pintura para compor uma atmosfera densa. Uma imagem que é feita de símbolos e fatores indiciais.

Palavras-Chave: Pintura; Camadas; Lembranças; Texto; Linhas.

ABSTRACT

In the following text I will show you my painting project, develop its concept precepts and exemplify its processes

"Images Trace" is the result of extensive research in painting. Use of a short story called "Where fears grow" written by me in order to develop the images and symbolic relationships in my painting.

The procedure that is starting with a collection of images, moving them to the construction of a story. I transform the short story into a drawing, which serves as a blueprint for the painting.

When constructing the canvas I wish to investigate the layers, the spot, line, collages and other painting resources to compose a dense atmosphere. An image made of symbols and indexical factors.

Keywords: Painting; Layers; Memories; Text; Lines.

1. Era uma vez um papel em branco: Das motivações e imagens vestígio.

O presente texto tem como objetivos expor as motivações e processos da minha atual pesquisa em pintura.

A minha pesquisa em arte começa ainda na minha adolescência, iniciada no desenho, sem grandes referências ou pretensões. Esse trabalho foi se desenvolvendo ao longo dos anos passando por diversas dúvidas, caminhos e bifurcações, se desdobrando finalmente no meu atual projeto de pintura.

O trabalho “Imagens Vestígio” são telas construídas a partir de manchas, camadas de tecido, colagem e aplicação da linha (como elemento físico, como palavra e também como desenho).

Esses elementos são articulados a fim de compor uma imagem recheada de signos e fatores índiciais que contribuam para uma atmosfera estranha, misteriosa, mágica, que remeta ao sonho e as lembranças.

São dois os momentos principais durante o desenvolvimento de uma tela em meu trabalho: O primeiro, parte da pesquisa da mancha, cores e camadas, e das ações sobre o suporte que deixam significado, por exemplo: costurar, rasgar, colar, escrever etc.

O segundo momento é quando uso essa pesquisa para formar uma imagem cheia de elementos, carregada e estranha. Esta imagem tem grande força simbólica e pretende que o espectador busque relação entre os signos que a constrói, ou que leve com ele uma sensação causada pelos elementos da tela.

Falo desses dois momentos construtivos em separado, mas na prática, eles acontecem simultaneamente.

O corpo dessa pintura mostra-se a partir de características “sujas”, com cores soturnas. Os recortes, as costuras e as camadas sobrepostas são alguns dos elementos que junto com as imagens trazem para o trabalho o peso de sensações e interpretações que pedem uma relação próxima do espectador, pois provocam suas lembranças.

Posso dizer que a minha maior preocupação ao pintar é a construção de uma imagem e de um ambiente que a acolha, e este, deve possuir um clima de caos, tonalidades das (minhas) memórias mais distantes.

Este lugar que possui relações com o Romantismo, Surrealismo e o Neo-Expressionismo: busca falar do ser humano, seus conflitos internos, sua relação consigo

mesmo e com o mundo a sua volta. Uma realidade que é violenta na formação desse sujeito e que além de podá-lo e ferí-lo de diversas formas, o coloca em uma sensação pré-apocalíptica que ronda sua sobrevivência.

Sempre me questiono sobre a natureza da imagem que se faz na minha pintura. O que ela representa (para o espectador quando a observa) e como isso se dá (o que pretendo passar e como posso atingir esse objetivo). Essas são dúvidas constantes na minha pesquisa no desenho e na pintura. Fui criando estratégias para trazer essa figuração para as minhas telas, relacionando-as com a mancha, as camadas, texturas e linhas e contaminando-as com essa atmosfera.

Busco essas imagens em fragmentos do cotidiano e as deixo vagando em meus pensamentos, e em um segundo momento, vou à busca delas e as registro, seja previamente em um caderno, ou durante o desenvolvimento da pintura.

Também já usei os sonhos, fotos (revistas, livros, internet) ou até mesmo obras de artistas. No decorrer dos anos essas estratégias deram-me um repertório que foi arquivado e do qual selecionei automaticamente alguns símbolos que eram mais expressivos para mim nessa relação entre: observação do cotidiano e registro de lembranças.

Outra influência para as imagens que crio é a literatura. Durante a minha formação, a literatura e a arte sempre estiveram em constante desenvolvimento, ler e ir a exposições, desenhar e escrever, são atividades constantes para mim. A literatura sempre alimentou meu imaginário e a forma fragmentada em que as imagens vão sendo criadas enquanto lemos, também influenciou minha forma de desenhar e conseqüentemente de pintar.

A última estratégia usada na construção de uma tela foi a de partir de um romance, coletar imagens e sensações deste livro para desenvolver a pintura.

O interesse dessa pesquisa era ver que carga as imagens tiradas do livro teriam após serem recriadas com os procedimentos que utilizo, e tentar perceber onde se encontrava a força simbólica na minha pintura [Figura 14].

Este processo levou-me a pensar a composição e a escolha dos elementos de uma maneira que não estava habituado a fazer, as figuras selecionadas para compor a tela tinham uma estrutura e inter-relação que enriqueciam as possibilidades de eu enxergar tais imagens o que contribuiu para o resultado final.

Foi a partir dessa experiência que comecei a desenvolver o atual trabalho. A força da escrita, as relações e estruturas que surgem para se compor um texto foram aspectos que motivaram-me a criar um conto e nele utilizar meu repertório de imagens e partindo do conto criar as telas.

Nesse processo: o conto é pensado já com o intuito de ser transformado em tela, nele entram descrições pictóricas, porém a tela em questão ainda é apenas idéia. O conto contribui para alimentar essa idéia, depois, quando a tela começa a ser trabalhada ela esta livre e pode se alimentar de si mesma. Durante o ato de pintar a tela chega a lugares que o conto não poderia prever o que torna tanto tela quanto conto obras irmãs, porém independentes.

Também serão relatadas aqui as minhas motivações artísticas, as relações nas quais me apoio para a construção do meu imaginário e embasamento dessa pesquisa.

Alguns artistas contemporâneos que tiveram uma contribuição para o desenvolvimento deste projeto, assim como teóricos de outras áreas como Carl G. Jung na psicanálise e Lucia Santaella na Semiótica, vão aparecer mais a frente contribuindo para o entendimento do trabalho.

Por fim, trago os materiais e procedimentos desenvolvidos ao longo do projeto e a importância destes ao se relacionarem com a imagem, construindo o significado da minha pintura.

1.1 Signos, Símbolos e índices na construção da pintura.

Existem no momento de transpor as imagens do meu trabalho dois procedimentos: um de simplificar as formas do objeto dando ao mesmo, um aspecto icônico ou simbólico[Figura 2]; E um segundo, que utiliza essa imagem com um caráter indicial. Estes procedimentos se relacionam com a semiótica e também com os estudos dos símbolos e dos sonhos na psicanálise.

A palavra “Símbolo” no dicionário da língua portuguesa tem como um dos significados a seguinte frase: “*Qualquer coisa usada para representar outra e, em especial, coisa ou ser que representa uma idéia abstrata (o leão: a força; a balança: a justiça)*”

Na psicanálise Carl G. Jung vai escrever que o “*símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária.*”¹ e completa que:

“... uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou imagem tem um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado.” (JUNG, 1984 p.20)

¹ JUNG, 1984: 20

Nesses dois exemplos o conceito do que é um símbolo é bem aberto, cabendo a quem tenta interpretar uma imagem (ou termo, palavra) entendê-la como simbólica, buscando os “aspectos inconscientes” desta ou não.

Por outro lado, para uma imagem instigar uma interpretação de uma “idéia abstrata” ou algo além do seu “significado manifesto e imediato” vai depender de como ela é apresentada e do contexto. O observador tem que primeiro: reconhecer a imagem, e vai depender da forma que essa imagem é tratada para se buscar um significado além.

A interpretação da imagem na semiótica segundo Pierce acontece em relações triádica, onde imagens e palavras são signos e estes, se dividem em três tipos: Símbolo, índice e ícone. Cada um deles estabelece diferentes ligações com o objeto que representam. Suas propriedades também influenciam na interpretação deste signo.

Ainda assim qualquer signo pode ser simbólico e bastar esta representação estar inserida em uma cultura para ser interpretado.

Alguns teóricos vão dizer que o objeto artístico possui aspectos simbólicos por natureza e que mesmo uma pintura abstrata pode ser submetida a uma análise dessa natureza por diversos outros fatores presentes em si (cores, materiais, gestos etc.), e seu contexto (local expositivo, época, nacionalidade do artista etc.).

Pode ser, mas nem sempre este é o foco e objetivo da obra ou do artista.

E esta intencionalidade ao se trabalhar imagens simbólicas demonstra o interesse em uma determinada resposta que essa abordagem trás para o trabalho em si, e como ele é visto.

O que me interessa no símbolo em si, é sua aura ancestral, suas raízes que muitas vezes são desconhecidas para a maioria das pessoas. Possuem uma história que vai além do motivo representado e ao mesmo tempo é aberto a inúmeras novas associações de significados que cabe apenas a quem observa preencher as “lacunas”. Isto trás, a meu ver, uma ligação mais próxima da pintura e seu espectador, pois os canais de interação passam por diversas linhas: racional, sentimental, consciente e inconsciente. Pois como diz Santaella e Nöth “*a relação entre o símbolo e seu objeto se dá através de uma mediação, normalmente uma associação de idéias que opera de modo a fazer com que um símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto*”². Aproveito-me do fato de que culturalmente existe uma busca pelos símbolos na linguagem pictórica.

² SANTAELLA & NÖTH, 1998: 63

Em algumas imagens que construo, muitas vezes, esta carga simbólica é bem subjetiva ou nula, mas ainda assim é um signo capaz de ser interpretado. Volta-se então a relação da semiótica em meus trabalhos.

Durante a produção das minhas telas executo ações que ficam registradas no suporte. Esses resquícios índiciais em união com a imagem a que se atrela multiplicam significados e interpretações. Assim como as sobreposições das camadas: a indicação de que uma imagem é encoberta por outra, ou se uma imagem é colada e outra é recortada sobre uma camada, dizem de uma relação de importância das figuras, e trazem com elas significados inerentes a forma que foram feitas.

Seguiremos falando dessa relação de importância que cada imagem recebe de acordo com sua fatura com mais uma citação de Santaella e Nöth:

“O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais. [...] O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. [...] Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese.”(Santaella & Nöth.1998: 15)

Podemos concluir que os signos (e as imagem que os representam) estão em constante circulação entre imagem mental e imagem material.

No meu trabalho as imagens materiais, (o mundo a minha volta, coisas que vivo), são apropriadas e unidas às imagens mentais (imaginação e coisas que vivi). As transformo novamente em imagens materiais (desenhos e pinturas) e essas, no mundo, podem ser interpretadas pelo espectador que vai a partir dos signos trabalhados, comparar os significados de suas imagens mentais com as da tela.

As imagens no meu trabalho têm, algumas vezes, um tratamento simplificado, são silhuetas, contornos, massas. E no momento em que o espectador entra em contato com elas, é preciso completá-las mentalmente, ou existe uma tradução para nosso cérebro (por exemplo: esta é uma silhueta, uma silhueta de uma criança, que esta de vestido e cabelos longos, logo uma silhueta de uma garotinha)[Figura 1].

Não descarto também o uso de imagens que usam do volume e planos para serem definidas, nesses casos me importa a mensagem que aquela representação passa justamente por sua relação de ilusão ou simulacro.



Figura 1 (Detalhe) *No quintal da infância: brinquedos que não foram meus. (Série De onde os medos crescem), 2009*

De qualquer forma as imagens que construo não estão sozinhas, livres de interferências, elas são uma união, signos que se relacionam entre si e também em seu universo pictórico.

Elas são cúmplices desse universo, composto das camadas, das manchas, das cores “sujas” e a aparência do tecido rasgado e recortado. Tudo isso é interpretado pelo espectador como “*signos plásticos*”³.

O signo plástico “*possibilita a análise semiótica de imagens que não representam coisa alguma, mas também imagens icônicas podem ser consideradas signos plásticos*”⁴. E são esses signos plásticos que unidos com os signos simbólicos e indiciais vão criar o universo dessa pintura e transmitir uma sensação (particular a esse conjunto de relações).

1.2 Cores, camadas e memórias: A construção do universo da imagem.

Comentei sobre os signos e a importância deles para a construção da imagem, também já falei superficialmente sobre as cores, as camadas e sua contribuição para a atmosfera da pintura. Agora, falarei de como os signos pictóricos contribuem para a relação da lembrança e do tempo.

O conceito de signos plásticos foi definido a partir das pinturas abstratas e do expressionismo abstrato, que mesmo sem fazerem relação com nenhuma imagem ou objeto do mundo exterior transmitem sensações e interpretações que são captadas pelo observador que une às qualidades de forma, cor e textura⁵.

Essas relações são vagas e de uma “*natureza indexical e simbólica*”⁶. As associações que o observador faz em relação a esses signos vão depender da sua cultura e suas próprias experiências.

Na minha pintura esses elementos são as cores e manchas, as camadas, as texturas das superfícies, recortes e costuras.

As cores são “sujas” e escuras e essa interpretação é acentuada por serem manchas sobrepostas. As superfícies são ásperas, obtidas a partir do tratamento do tecido (preparado com camadas de massa acrílica para textura). As camadas são feitas a partir de recortes imprecisos e rasgos, deixam fiapos e rebarbas. Dizem de uma fragmentação do espaço e da

³ SANTAELLA & NÖTH, 1998: 38

⁴ Idem: 38

⁵ idem:38

⁶ Idem: 39

imagem, são pedaços, são sobras. Finalmente as costuras com linhas de barbante e lã, crespas e sem brilho tentando reunir planos, remendando restos de um todo.

Sendo assim quando o observador entra em contato com a pintura ele necessariamente acessa seu “banco de memórias” para conseguir interpretar esses signos plásticos, que são imediatamente reconhecidos, em seguida essas relações plásticas se unem as imagens (cujos valores e importâncias já foram citados).

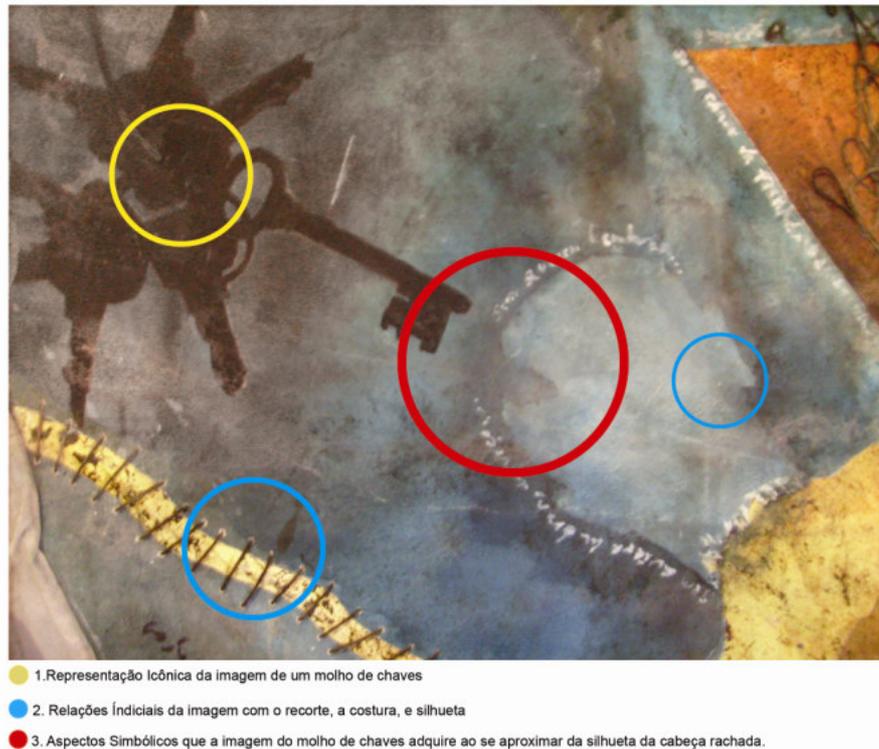


Figura 2

Todos esses elementos vão adicionando significados uns aos outros construindo esse universo e dizendo também de um tempo intrínseco da pintura.

Pelas camadas e imagens pode se fazer relações sobre as interações dos signos e supor uma sucessão de ações. Todos esses acontecimentos são presentificados em um instante (feito de/em diferentes momentos).

A imagem não acontece no tempo, dado que é fixa em um instante. “*Não é um tempo que pode ser medido, apenas inferido através do exame minucioso das marcas, dos índices que foram se inscrevendo no decorrer do processo*”⁷.

⁷ SANTAELLA & NÖTH, 1998:79

1.3 Imagens Vestígio: apropriação de imagens do mundo.

O nome do projeto, Imagens Vestígio, veio dos procedimentos de seleção e registro dos elementos que compõem meu trabalho.

União de imagens mentais e materiais, vinda dos sonhos, memórias, imaginação alimentadas pela observação; leitura; apropriação de fragmentos de pinturas, filmes, músicas; fotografias ou qualquer relato ou resquício do que vejo em meus percursos diários.

Um olhar que recorta posturas do corpo, suas ações, movimentos e os significados que se expressam por eles; A relação e interações que surgem entre: duas pessoas, pessoas e objetos, objetos e objetos; Sobreposições de motivos, e investigação do sentido resultante; elementos da natureza, o espaço e sua relação com o corpo.

Captar sobras, materializar ausências, expressar a busca, o desejo nas relações humanas para depois sintetizá-las através desses fragmentos de realidade que se relacionam. Processo que pode acabar em puras tentativas fracassadas, porém não alcançar, o constante buscar desse resultado, também contribui para o objeto.

Em uma constante tradução de signos em outros signos, de imagens e linguagem em outras, cada elemento da minha pintura é um elo de uma corrente, se ligando uns aos outros, ancorados em diversas origens.

Existem alguns métodos de trabalho que adoto pensando em criar esse meu universo que não afeta apenas a minha pintura, mas também meus outros trabalhos em outras linguagens da arte e na literatura.

Um desses métodos é o uso dos cadernos: para textos, desenhos e anotações diversas.

Durante o desenvolvimento desse projeto me acompanhou um caderno⁸ com o propósito de coletar imagens, e desenvolver meus pensamentos. Nele eu registrava com desenhos fragmentos do que me rodeava diariamente, esboços de trabalhos e etc. O desenho de criação⁹ é uma fase importante que ronda toda a estrutura do meu trabalho, são deles os registros das coletas de imagens, são deles os esboços para as telas, como também os esboços das imagens que compõem a tela. E aparecem também na própria pintura, como linhas, costuras, palavras e figuras.

Posteriormente decidi fechar este projeto em telas que tivessem como processo de desenvolvimento um conto. Este conto traduziria todos os métodos de coleta das “imagens

⁸ Anexo 1p. 38 (Caderno - Coleta de imagens)

⁹ DERDYK, Edith (org). SALLES, C.A, 2007: 37

vestígio” em uma estrutura nova. Estrutura que pretende dar uma base fabulosa, ou porque não, mitológica a esse trabalho. Uma mitologia pessoal.

Partindo desse pensamento um novo caderno passou a me acompanhar: um antigo caderno de textos (ou relatos de sonhos e lembranças)¹⁰ de onde selecionei algumas das passagens para desenvolver uma narrativa onde alguns momentos se transformariam nas pinturas.

2. De onde as telas crescem: o conto como processo para a pintura.

Como disse anteriormente, a literatura sempre fez parte da minha produção. E há alguns anos também desenvolvo minha pesquisa literária, com textos que tendem para uma atmosfera estranha, do fantasioso, onde os acontecimentos podem ser tidos como metáforas ou puro deslocamento da realidade. O que dá outro valor ao enredo do texto (pequenos detalhes ganham mais importância.)

Minha primeira experiência em unir texto e imagem, foi ainda no ensino médio. Onde fiz uma pequena exposição onde cada desenho tinha um texto ao lado.

Os textos poéticos vieram a partir dos desenhos e relacionava os elementos das imagens com a palavra. Estes textos não eram explicações nem descrições das telas, também não eram interpretações, mas por serem postos lado a lado, e por se alimentarem de elementos semelhantes ambos compartilhavam e ampliavam sentidos.

Durante o decorrer do curso de bacharelado, nunca cheguei a repetir essa interação, apesar de ter esse desejo. Alguns motivos adiaram essa minha investida, tais como: a possível relação ilustrativa entre imagem e texto, o direcionamento de interpretação da obra; e a indagação “se o texto já diz tudo que tem que dizer, qual seria então o sentido dessa imagem?”

Porém com meus questionamentos e experiências na procura de métodos para se construir uma imagem, cheguei, com a ajuda de orientadores, a estratégia de ler um livro, um romance inteiro, e fazer uma única pintura sobre este livro. Ser tomado por suas sensações e estímulos tirando dele os elementos para se construir a pintura.

Este desafio trouxe novamente as antigas questões, mas trouxe também uma nova forma de pensar as imagens da pintura, suas relações e estruturas. Apesar de ficar satisfeito

¹⁰ Anexo 1 p.39 (Caderno de textos pessoais)

com o resultado dessa experiência, não era meu propósito inicial, usar um novo texto para esse projeto de conclusão.

Durante as minhas leituras de pesquisas para o pré trabalho de conclusão de curso, no entanto, entrei novamente em contato com um livro de artista que me deu a certeza de que era possível fazer essa relação entre uma obra (de qualquer natureza: escultura, gravura, desenho, pintura, performance etc.) e um texto que sirva como fonte “mitológica”, processo de criação.

Este livro foi “O Barroco de Lírios” do artista Tunga (1952-)¹¹. Neste livro o artista reúne algumas das suas obras mais importantes. A partir desses registros, vai mostrando o início de vida dos temas que utiliza e seus desdobramentos em diferentes trabalhos. Como início de cada trabalho Tunga coloca um texto, conto, relato, ou documento que fala da construção dessa obra, a idéia inicial, as referências e desdobramentos.

Porém esse relato, muitas vezes, como acontece, por exemplo, no texto “Xifópagas Capilares entre nós”¹² tem uma liberdade literária, que foge da realidade para criar um universo intrigante que envolve o leitor e mistura fatos reais com mitos e imaginação. Esta aura vai impregnar suas esculturas e desenhos e darão uma unidade a elas.

Foi partindo desse pensamento que desenvolvi o conto¹³ “De onde os medos crescem”¹⁴ que une em sua construção as imagens vestígio, anotações de sonhos e relatos de história de família que são mais bem explicados no Anexo 2.

Até então todas as minhas pinturas anteriores vinham de um exercício de imaginar a construção da pintura relacionando símbolos a minha escolha, tentando preencher o campo de trabalho e dividindo as em camadas em busca de uma sensação intuída, mas pouco materializada.

Minha experiência na literatura me fez perceber a forma em que um conto ou texto é criado. Ao escrever a narrativa precisa-se passar credibilidade ao leitor, e também conduzi-lo de forma que todas as palavras, frases e pontuação tenham uma importância determinante. É preciso cuidado, pode-se comparar a montagem de um quebra-cabeça, cada peça (frase) se encaixa em seu lugar, formando a imagem desejada.

Assim, ao inserir um contexto, as ações e símbolos que fazem as imagens precisam ser justificados textualmente, e vão compor um universo. O universo de um conto tem suas

¹¹ Artista brasileiro (Palmares, PE). Escultor, desenhista, artista performático.

¹² TUNGA. *Barroco de Lírios*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997 p. 45

¹³ Apesar de empregar o termo conto, este não é o mais apropriado para definir o texto referido por ter uma estrutura mais complexa. Porém decidi usar o termo pelo que ele representa (uma história curta).

¹⁴ Anexo 2 p.42

próprias regras (às vezes usando as regras do nosso mundo, ou criando novas) e elas precisam ser atendidas para dar sequência a história.

Acontece que seguindo essas regras de construção, o conto tem uma “vida própria”. Sendo assim, parto de uma idéia inicial para o texto, tenho minhas vontades, quero que determinados acontecimentos sejam a chave desse texto. Porém, para justificá-los vou inserir elementos, peças do quebra-cabeça, que não tinha em mãos a priori, mas que são fundamentais na formação do sentido do texto e da imagem que vai trabalhando os elementos pictóricos.

Esta força do enredo me faz construir imagens que eu não teria imaginado de imediato, pensar relações que necessitam de uma lógica diferente para se unir. Existe nesse sentido “*um outro tipo de relação entre palavra e imagem*” uma “*experimentação verbalizada*”¹⁵. Assim “*a narrativa verbal prepara uma futura ação plástica*”¹⁶.

Foi atrás desta lógica textual que foquei as minhas coletas de imagens e sonhos, defini temas, sentimentos e sensações para transpô-las para a série de pinturas apresentadas. Materializando e desenvolvendo aquelas sensações e imagens que antes eram apenas intuídas. Sendo assim, o conto “De onde os medos crescem” é como um banco de imagens, que foi inicialmente pensado para a pintura, desenvolvido textualmente e novamente transposto para tela.

Este método de tradução de uma linguagem em uma segunda é conhecido como tradução Intersemiótica¹⁷ e é objeto de estudo de Julio Plaza em seu livro homônimo. Plaza nos trás a seguinte definição:

“ A tradução Intersemiótica ou ‘transmutação’ foi definida por Roman Jakobson como sendo aquele tipo de tradução que ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais’ ou ‘de um sistema de signos para outros, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema e a pintura’ ou vice-versa”. (Plaza. 2001)

Como é dito por Plaza em seu livro, a tradução Intersemiótica nada tem a ver com fidelidade “*pois ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada entre seus diversos momentos*”¹⁸.

Quero dizer com isso que diferente do conto, as telas não tem uma dependência narrativa entre elas, e nem em relação ao texto. Não tento transformar, resumir ou capturar o

¹⁵ SALLES, C. A., 2003 : 95

¹⁶ SALLES, C. A. 2003 p: 95

¹⁷ PLAZA, 2001: 01

¹⁸ Idem: 01

conto em uma imagem, a tela não tem esse compromisso. Preocupo-me em me apropriar da relação interna do texto, de alguns estímulos e levá-los para o campo pictórico, fazendo que encontrem sua própria existência de acordo com meus procedimentos de pintura. Capturas diferentes momentos, ações e significados e traduzidos em uma imagem.

Em contexto expositivo as telas não dependem do conto, não pretendo apresentar o texto no espaço junto com a tela. E nem mesmo a montagem das telas no espaço precisa seguir a ordem em que elas surgem no conto, pois cada pintura fala de si mesma.

3. Do branco algodão até as sujas lembranças: procedimentos e materiais.

Falarei agora dos materiais e procedimentos que utilizo para desenvolver uma pintura.

Para a fatura de cada uma das telas necessitei em média de trinta dias. Esse período de fatura conta desde o preparo do tecido com a massa acrílica (geralmente de 12 a 24 horas para a secagem); as primeiras camadas de cor sobre as pranchas (24 a 48 horas para cada prancha, levando em conta a aplicação da tinta, e sucessivas reaplicações de cores e bastante água, até a sua secagem). Geralmente uso duas pranchas inteiras de 100 x 150 cm para cada tela, mais fragmentos de uma terceira prancha.

Sem dúvida, o período que toma mais tempo é durante a escolha das imagens e composições. Às vezes, uma imagem leva um dia inteiro para encontrar um desenho apropriado. Inúmeros rascunhos são feitos até se chegar a uma figura que melhor expresse o que desejo. Depois de ter essas imagens, a ampliação e transposição das máscaras e, sobretudo o melhor procedimento de aplicá-la na pintura (recorte, colagem, desenho direto ou por retirada de máscara de látex) é o tempo que as idéias precisam para amadurecer e encontrar o melhor jeito de se relacionar.

Como diria Iberê Camargo:

“Cada artista tem seu tempo de criação. É difícil saber quando começa a gravidez e quando se dá o parto [...].Eu, antes de iniciar a viagem — o quadro —, consulto minha bússola interior e traço o rumo, mas quando estou no mar grosso, sempre sopra um vento forte que me desvia da rota preestabelecida e me leva a descobrir um novo quadro”. (Camargo. 1998: 32)

3.1 Materiais:

Os materiais aqui apresentados são sobreviventes de diversos momentos do meu trabalho, suas escolhas e suas permanências se deram por uma necessidade ou simples acaso.

Inicialmente meu trabalho era feito sobre papel, porém com as sucessivas aplicações de tinta e água, este ficava frágil, principalmente depois de se aplicar sobre ele algumas ações (recortes, costuras, riscos etc.)

Por isso busquei o tecido, primeiro utilizei a lona crua sem revestimento para as manchas transpassarem o tecido e agirem livres, mas o resultado não me agradou.

Foi então que cheguei ao algodão cru e a massa acrílica para textura. Escolhi o algodão por ele ser mais maleável e ter uma trama menor que a lona, e depois de revestida com a massa, sua textura se assemelha a de uma grossa e porosa folha de papel.

Nessa superfície tanto o desenho como a pintura eram bem acolhidas. Sempre apliquei a tinta diluída, inicialmente a tinta acrílica, extrato de noqueira, betume e nanquim. Com o aumento do tamanho das telas passei a utilizar também corante líquido com as cores primárias. A maior parte destes materiais são diluídos em água.

Além das tintas, são aplicadas às telas: linhas de costura e barbante, outros tipos de tecidos, papel e outros materiais de desenho como: lápis grafite, pastel seco, e diferentes canetas hidrográficas. Por fim, para “montar” a tela e dar o acabamento: cola branca PVA, cola para tecido e fixador spray.

Outros materiais são ferramentas para pintar, além do pincel temos: a máscara líquida de látex (usado para impermeabilizar áreas que se transformam em imagens), estilete, tesoura, agulha, papéis (nos quais eu desenho algumas imagens e recorto como molde para transpô-las para a tela) e finalmente os diluentes: thinner, aguarrás e, sobretudo água.

3.2 Procedimentos:

Como já foi dito aqui, o projeto Imagens Vestígio tem início em um conto escrito especialmente para essa série de telas chamado: “De onde os medos crescem”.

Este conto tem cinco passagens das quais algumas delas foram pensadas para se desenvolver as telas deste projeto.

Partindo da escrita do conto que tem sua estrutura e sua própria lógica, as imagens se formam tentando atender uma necessidade de causa e efeito, juntamente com o acaso e meu imaginário. Tenho em mente os destinos para o conto, mas o que ocorre em seu caminho, as frases e a construção dos parágrafos, têm uma vida própria, levando o conto para lugares que não eram imaginados.

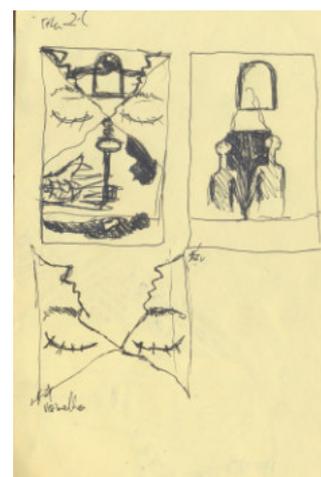


Figura 3 Esboço de “Faça força, Abra bem os olhos”

Já tenho a imagem da tela em minha mente ao escrever o conto, e a partir dessa troca da pintura e da escrita, levo para o texto descrições pictóricas, e estas serão devolvidas mais à frente para a pintura final. Ao escrever, minha imagem inicial da tela se modifica pela vivência do conto, assim como a tela vai ser livre para explorar sua existência plástica.

Após escrever o texto, novamente volto ao rascunho da composição da tela, pensando as camadas, as imagens, e a cor vinda das memórias e do texto. Nessa fase, deixo a história vagando pela minha memória algum tempo, não me prendo a muitas leituras após considerá-lo pronto, pois busco recuperar para a tela as sensações, o clima, e as imagens do conto que ficaram em mim. Porém, sempre que necessário, volto ao texto em busca de perceber algo novo.

Transformo esses vestígios de imagens em um signo, pode ser um movimento de corpo, uma silhueta, um objeto, um número, uma palavra. Esta síntese de imagens vai resultando nas relações internas da pintura.

Partindo de um esboço posso começar a produzir a tela. Com as pranchas prontas (o algodão já preparado com uma camada de massa acrílica) inicio a primeira camada de cor que vai dar o clima para a pintura. O rascunho ajuda a pensar a estrutura básica da tela, mas não é seguido à risca por mim. Primeiro porque a convivência com a tela vai pedindo modificações na idéia inicial, e segundo porque acredito que o acaso é uma “entidade” importante para meu trabalho. Partindo das manchas, e matizes das cores, há pequenos acidentes ou ações que geram resultados inesperados, esses acontecimentos vão moldando a vida dessa tela e uma “*espera pelo inesperado*”¹⁹.

O clima que pretendo dar a cada pintura pede tons específicos. Que procuro recuperar de alguma lembrança. Independente dos grupos de cores que eu escolho, busco rebaixá-los usando extrato de nogueira e betume, embaçá-las com o branco ou sujá-las com o preto.



Figura 4 Pranchas iniciais da pintura “Faça força, Abra bem os olhos”



Figura 5 Recorte de camadas, “Faça força, Abra bem os olhos”

¹⁹ SALLES, C. A. *Cadernos de Daniel Senise: um canteiro de obras*. São Paulo: ARS(USP) 2003 p. 97

Geralmente as tintas são jogadas a tela. Trabalho com as pranchas apoiadas diretamente no chão. Procuo não utilizar muito o pincel em um primeiro momento, preferindo jogar água junto com as cores para que elas se misturem e se espalhem pelo tecido, quando o uso do pincel se faz necessário, é apenas para espalhar a tinta, buscando não deixar a marca de sua passagem. A água é um dos elementos principais nessa etapa. Encharco o tecido e as tintas vão encontrando seu lugar, lutando pelo espaço que a água ocupa, e se desfazendo nela, renascendo em outras tonalidades ao se encontrar com outra cor. O tempo é que vai determinar as cores finais, somente o acaso define como as tintas, que por escolha minha foram jogadas na tela, vão se findar.

Por serem feitas diretamente no chão as telas acabam adquirindo alguns aspectos do piso onde são preparadas. Linhas que dividem a tela horizontal e verticalmente são resquícios das divisões do piso que servem como canaletas para a água. Essas linhas podem desaparecer posteriormente com a aplicação de outras camadas de tinta ou deixar seu registro.

Com as pranchas secas das primeiras camadas de cores, volta à parte mais controlada e racional do processo, de pensar as sobreposições de camadas, a composição e as ações que vão ser executadas no tecido.

Recorto, rasgo e costuro os tecidos montando a estrutura básica da tela. Às vezes essa fase já traz algumas imagens que se dão pelos recortes e sobreposições. O terreno está preparado para inserir o restante das ações.

Silhuetas são adicionadas, sombras, e imagens mascaradas. Todas essas figuras são vestígios, formas de representação que indicam ser reflexo de algo.

Outra “entidade” que busco trazer às minhas pinturas é a ausência. E como falar da ausência em uma pintura que é feita da acumulação?

Esta questão eu tento resolver com processos que deixam um rastro indicial, a retirada de matéria (com o recorte) ou o uso de máscaras.



Figura 6 Retirada de máscara “Ela Tinha Sonhos, mas quem vive deles?”



Figura 7 Máscaras em “Faça força, Abra bem os olhos”

Estás máscaras são desenhos feitos com látex líquido. Este material deixa a área em que é aplicada impermeabilizada, assim adiciono outras camadas de cor sobre a prancha e depois de seco, retiro as máscaras. O que temos é uma imagem feita pela ausência de algo, a marca de que algo esteve ali, mas foi retirado. Aquilo que esteve, mas já se foi. Também se relaciona com a idéia de memória. Registro de um fato findado.

Surge também o recorte e o rasgo. Esses rasgos e recortes chegam a minha pintura com o objetivo de produzir planos e camadas, mas também criar imagens. Algumas vezes criando símbolos, como a fechadura, janela, a chave, mostrando por entre essa falta, uma camada por detrás. Esta ação também é carregada de significado. O rasgo deixa no tecido um gesto, um desenho característico impreciso. Assim como as máscaras, os recortes deixaram um indício de ausência, mas tem um valor diferente. As máscaras quando retiradas podem ser equiparadas a fantasmas. Uma lembrança fugaz. Enquanto que os recortes exprimem uma ausência presentificada. Criam níveis na superfície, são físicas e táteis.

A costura e a colagem então entram no trabalho, para unir essas camadas e construir ao mesmo tempo. A linha que costura fisicamente o tecido se confunde como a linha desenhada sobre o suporte. Essa costura, uma linha que repete um padrão indo de um corte ao outro, não apaga o índice do rasgo, deixa-o lá, porém ela está lá pra prender planos distintos. A tentativa de unir algo por dois pontos opostos.

Esta linha também física e tátil vai se unir a linhas gráficas que hora pode construir palavras flutuando no espaço memória, como também fazem símbolos e imagens.

A linha que estava presente no início do meu trabalho no desenho, vai se moldando durante o tempo, recriando vida e ganhando espaço nessa pintura. Ela também busca compor essa atmosfera da lembrança. Seja nas palavras que surgem como pequenas anotações, registros de pensamentos. Estes escritos são passagens do texto “De onde os medos crescem”, ou de músicas e outros textos e sempre possuem uma carga poética.

Como os escritos que aparecem em um sonho, quando tentamos ler, pouco conseguimos compreender, imaginamos o que seja, mas se nos esforçamos em decifrar aquelas palavras nós acordamos e toda a frase se perde.

No final de todo esses procedimentos temos uma misturas de planos, camadas, símbolos, signos e índices. Daquele rascunho inicial, muita coisa se modifica, ganha uma



Figura 8 (detalhe) “Faça força, Abra bem os olhos”

vida, influenciada por escolhas e o acaso. Em diferentes níveis é possível se comparar o conto e a imagem final, mas da mesma forma, apesar de ter uma carga semelhante de interpretação à pintura e o conto estão livres. São independentes, pois após a troca das linguagens, eles passam a se alimentar de si mesmos.

4. Placas e informações que segui para chegar aqui: Referências.

Como foi dito na introdução, vejo relações do meu trabalho com o Romantismo em uma esfera conceitual. Em relação a uma admiração pelo ancestral, e uma busca pela irrealidade e a fuga do presente, seja para uma imagem de passado nostálgico ou de um futuro utópico. Uma crítica ao seu contexto histórico o “*questionamento constante do significado do presente*”²⁰, uma viagem introspectiva sobre o indivíduo. E um sentimento de desamparo diante de uma realidade massacrante .

Na psicanálise também se fala desse sentimento de desamparo na sociedade contemporânea, por conta da massificação e desvalorização da vida, a morte das utopias e de Deus no subconsciente do sujeito ²¹.

Isso reflete o pensamento cíclico da história da humanidade, algo que os Românticos buscaram.

Esta busca das reminiscências do passado também aparece no Surrealismo, movimento que trouxe para o primeiro plano da arte o inconsciente do indivíduo e as imagens oníricas, mas também fez um resgate dessa tradição na história da arte. Dando face e voz a essas manifestações imagéticas do interior do ser que vem desde as sociedades primitivas²².

Compartilho com o Surrealismo a “*evocação de uma possível completude pelo desejo e pelo sonho*” a vontade de “*inventar sua própria mitologia*” e a “*exploração do encontro casual de duas realidades distantes sobre um plano não conveniente*”²³

Uma grande influencia na minha composição e nos elementos que uso em meu trabalho, tem como precedente as



Figura 9
Desvario de um Iconoclasta,
1974
Octávio Araújo

²⁰ HAUSER, 1995: 673

²¹ JUNG, Carl G – FRANZ, 1984: 218 e 255

²² ALEXANDRIAN, 1973 :10

²³ Idem. : 11, 25 e 66.

pinturas e desenhos do artista brasileiro Octávio Araujo (1926-)²⁴ representante dessa herança surrealista.

As pinturas de Araujo têm, inicialmente, motivos naturalistas de representação, porém as composições e elementos representados são carregados de imagens simbólicas, suas cores trazem uma atmosfera de memória e fantasia à suas imagens. Seu espaço é composto por camadas, ou campos ilusórios que dividem a pintura, onde sobreposições e cortes nas figuras revelam outras realidades.

Estes aspectos em união ao uso de variados símbolos, e imagens que acabam se carregando de significado como: a chave, a fechadura, janelas, olhos, o corpo feminino, mãos, silhuetas, foram a minha primeira influencia no desenho e na pintura.

Dessa atmosfera estranha das telas de Octávio retirei alguns elementos primordiais para meu trabalho, pois casaram-se muito bem com minha personalidade, ou até com meu inconsciente.



Atualizando o mote Romântico do: constante questionar do presente, os Neo-Expressionistas retomaram a pintura em grandes formatos preocupados com “o como”, o processo do fazer²⁵. Essa também sempre foi uma preocupação em meus trabalhos, os processos de se construir a superfície pictórica.

Carregado de referências mitológicas, literárias, simbólica e, também comentando a sua época, um grande nome do Neo-expressionismo: Anselm Kiefer (1945-)²⁶ é outro artista ao qual referencio meu trabalho. Pela atmosfera pesada gerada por suas cores e elementos que usa para formar suas imagens, e também pela relação entre texto e imagem. Kiefer usa como base para muitos trabalhos, além dos mitos germânicos e a história de seu país, o poeta do pós-guerra Paul Celan, é a fonte de onde se iniciam suas obras.



Figura 11
Laika, 1995
Daniel Senise

²⁴ Artista brasileiro (Terra Roxa, SP) gravador, desenhista, pintor, ilustrador e artista gráfico.

²⁵ LUCIE-SMITH, 2006: 173

²⁶ Artista alemão (Donaueschingen, Alemanha Ocidental), pintor, escultor.

Dos pintores brasileiros contemporâneos, posso citar Daniel Senise (1955-)²⁷ suas manchas, cores, e tratamento da figura na pintura. Como também sua relação com a memória que se dá na apropriação de imagens da história da arte (principalmente em sua fase nos anos 90) e também das suas próprias memórias levando a tela, signos que são construídos por recortes ou oxidação, podendo se falar da ausência nesses casos. (quando ele utiliza pregos e os oxida deixando seus registros na tela, e os retirando posteriormente)

Por fim, trago para o diálogo com meu trabalho o artista norte americano Trenton Doyle Hancock (1974-)²⁸. A pintura de Hancock nasce de uma história que ele criou cujos personagens centrais são: os Mounds (um ser metade humano, metade planta); Torpedo Boy (seu alter-ego, protetor dos Mounds); Painter(personagem mãe dos Mounds, representa toda a cor em suas pinturas) e Loid (personagem pai dos Mounds, representa a palavra e o preto e branco nas suas pinturas).

Para Hancock seus personagens são elementos de sua palheta. Misturando a colagem de diferentes tecidos, técnicas de pintura e de desenho, símbolos e combinação de influências de histórias em quadrinhos com passagens bíblicas. As Histórias dos Mounds e seus personagens são um processo de desenvolvimento da pintura de Hancock, e uma estratégia diferente para equilibrar composições e as relações dos elementos pictóricos.

Em Doyle podemos ver a preocupação do “como” na pintura, e seu processo criativo parte de símbolos que ele cria na mitologia dos Mounds para construir o universo ativo de seus trabalhos²⁹.

Foram essas as ligações que eu achei mais relevantes trazer para situar este projeto, falando dos elementos que compõem o universo da pintura, as estratégias de desenvolvimento pictórico, procedimentos de construção do imaginário, as relações como texto e sua herança na história da arte.



Figura 12
Las Luces, Looses, and Losses, 2005
Trenton Doyle Hancock

²⁷ Artista brasileiro (Rio de Janeiro. RJ) pintor e gravador.

²⁸ Artista norte-americano (Oklahoma, Estados Unidos) trabalha com pinturas, gravuras, desenhos e instalações.

²⁹ Programa documentário de televisão “*Art in the Twenty-First Century*”: entrevista com artista Trenton Doyle Hancock. Estados Unidos, 2003 Disponível na internet no endereço <http://www.pbs.org/art21/artists/hancock/index.html#> acessado em 1/10/2009

5. Já era como foi: considerações finais.

Este projeto encerra uma etapa da minha pesquisa, pois após anos de trabalho, consegui obter respostas para perguntas que carregava há muito, e também descobri novos campos que me trazem novas dúvidas.

O resultado desses anos de buscas por respostas foram dois trabalhos irmãos (o conto e a série de pinturas). Enquanto o primeiro faz uma relação entre arqueologia pessoal e exercício imaginativo, (alicerces de uma construção). O segundo é resquício de um tempo, de uma época, de uma pessoa, novos objetos a serem recolhidos em um futuro (as paredes e destroços da construção).

A busca por respostas para perguntas metafísicas, a observação do ser humano, o seu jeito de agir em conjunto, a constante busca, a inevitável ausência, o acúmulo de memórias, a sobra de todas as coisas, são alguns dos aspectos que rodeiam nossas vidas no plano das necessidades psicológicas.

São todas essas coisas as quais me motivam, e são nelas que busco os elementos para meus trabalhos. Nesse sentido, trago para meus trabalhos elementos que criam uma atmosfera lúdica, fluida, fragmentada. Como recortes da mente e da memória na tentativa de instigar o espectador a criar um sentido por meio de figuras indiciais e procedimentos pictóricos.

A cada item construtivo da minha pintura busco dar um significado. Não obrigatoriamente este sentido dado por mim deva ser a leitura do espectador. Mas tais parâmetros me ajudam a tentar configurar sensações e sentimentos tão abstratos e insólitos: como a angústia, a busca, o inalcançável, a ausência etc.

Essa atmosfera da fragmentação, suja, com cores que se perdem, tenta também se relacionar com a memória e com uma situação decadente. A perda da esperança, o fim das utopias.

Penso nessas pinturas como testemunhas desse momento em que a humanidade se encontra: regida pela incerteza, a descrença na mudança, o pessimismo. E ao mesmo tempo existe sempre uma composição que busca quebrar essa passividade, existe um desejo de alcançar, de mudar, desejo este, que é congelado na impossibilidade da pintura.

Vejo minha pintura como testemunha de si mesma, de um processo, e este processo é registro de uma pesquisa, esta por sua vez, é registro de uma vida, e seus preceitos nascem do fato de existir uma inquietação e a necessidade de saná-la. As perguntas e as tentativas de respostas nascem da “tela” de cada um.

6. Bibliografia

- ALEXANDRIAN, Sarane. *O Surrealismo*. São Paulo: Editora Verbo, 1973.
- DERDYK, Edith (org). *Disenho. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.
- JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- LUCIE-SMITH, Edward. *Os movimentos artísticos a partir de 1945*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- TUNGA. *Barroco de Lúrios*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.
- SALLES, C. A. *Cadernos de Daniel Senise: um canteiro de obras*. São Paulo: ARS(USP) 2003.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem, Cognição e Semiótica*. São Paulo 1997: Iluminuras, 1998

7. Pinturas



Figura 13 *O Duplo*, 2009
 Acrílica, pigmentos, extrato de nozeira, betume, linha de costura e grafite sobre algodão.
 120 x 73 cm
Diogo Nogueira



Figura 14 A vida é quase toda poleiro, 2009

Acrílica, pigmentos, extrato de nozueira, betume, linha de costura e grafite sobre algodão.

120 x 73 cm

Diogo Nogueira



Figura 15 *Faça força, Abra bem os olhos*, 2009

Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, linha de costura e grafite sobre algodão.

120 x 73 cm

Diogo Nogueira



Figura 16 *Introdução ao pesadelo premonitório*
(*Série De onde os medos crescem*), 2009

Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, barbante, atadura e grafite
sobre algodão.

150 x 95 cm

Diogo Nogueira



Figura 17 *No quintal da infância: brinquedos que não foram meus.*
(*Série De onde os medos crescem*), 2009
Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, barbante e
colagem sobre algodão.
150 x 95 cm
Diogo Nogueira



Figura 18 *Ela tinha sonhos, mas quem vive deles? (Série De onde os medos crescem)*, 2009
Acrílica, pigmentos, extrato de noqueira, betume, barbante, tule e grafite
sobre algodão.
150 x 95 cm
Diogo Nogueira

8. Anexos

8.1 Cadernos



Figura 19 Anexo 1: Caderno Coleta de Imagens.

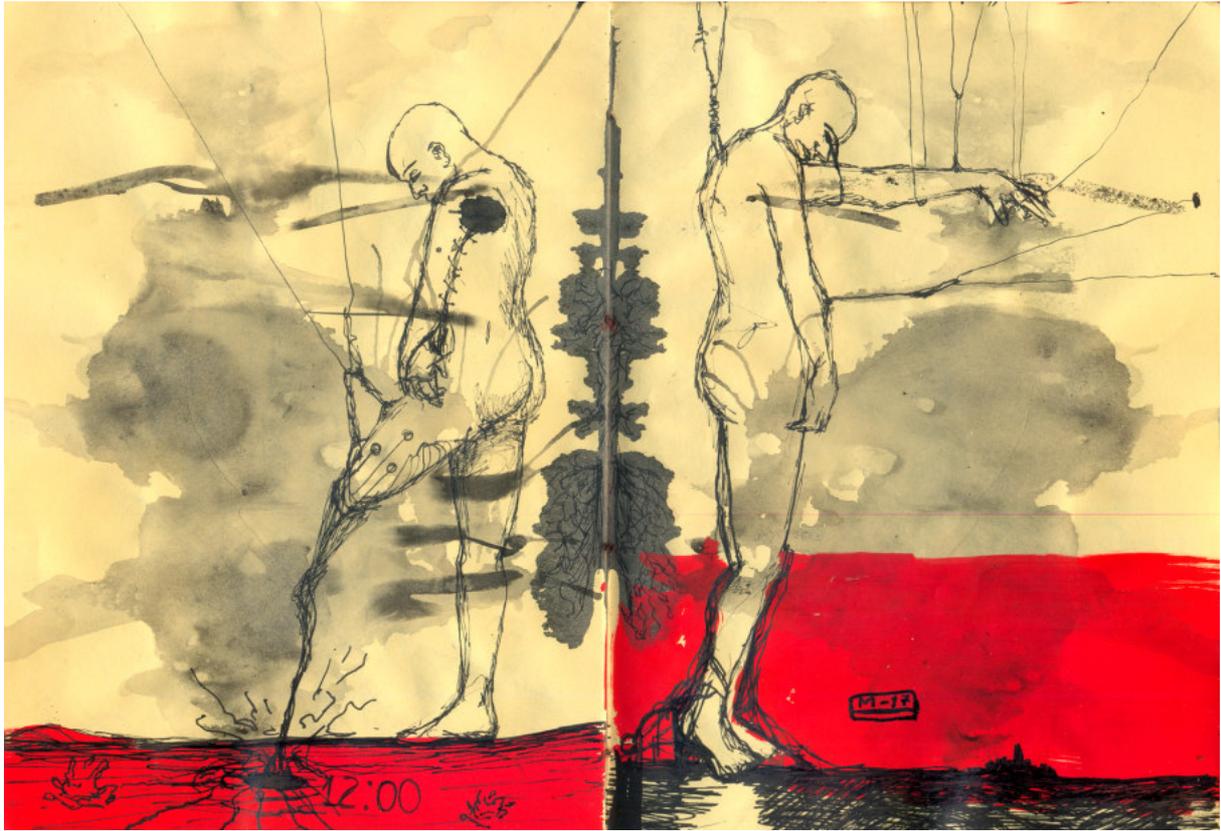


Figura 20 Páginas de Coleta de Imagens

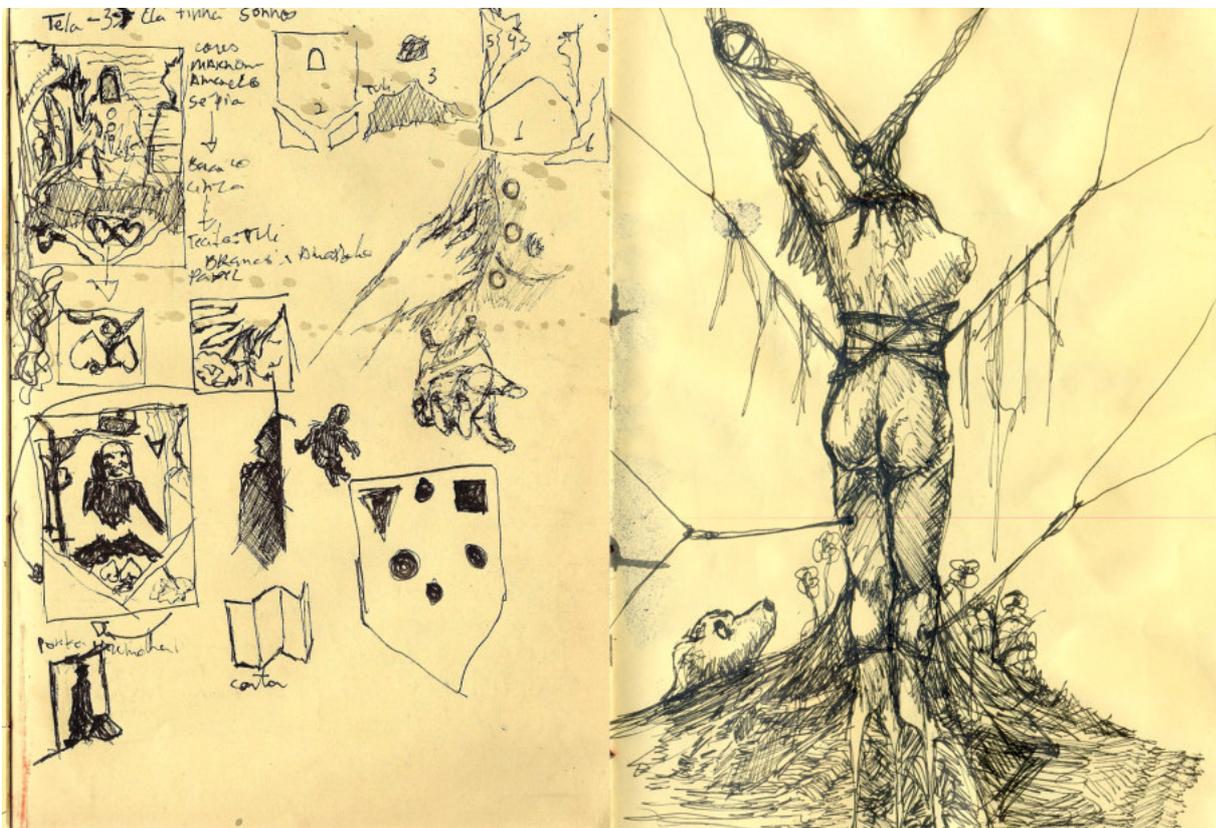


Figura 21 Páginas de coleta de imagens

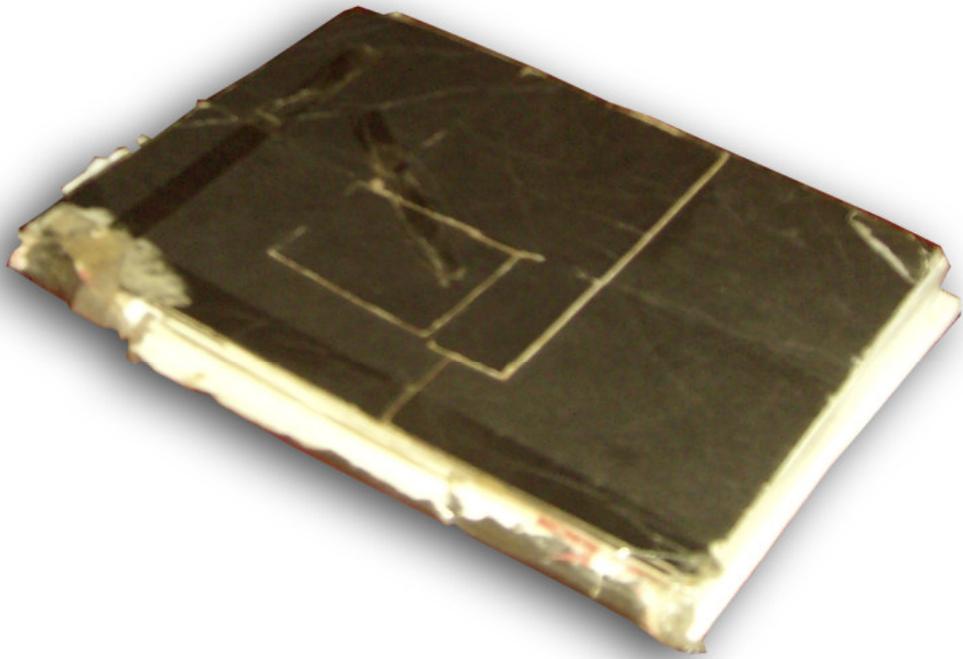


Figura 22 Cópia do caderno do meu avô

8.2 Anexo 2

Prefácio

O conto “De onde os medos crescem” tem como base uma antiga história de família. Não se sabe até onde ela é verdadeira ou pura invenção, e de fato isto não é importante.

As principais passagens e acontecimentos deste conto são relatos, memórias do meu avô Eufrosino Candido da Silva. Mas para conta como poderia ser possível ele viver estas histórias terei que fazer um breve resumo da vida do meu bisavô.

Meu bisavô era filho de escravos, porém foi beneficiado pela lei do ventre livre, época provável de seu nascimento.

Viveu em uma comunidade quilombola a alguns quilômetros das fazendas de cana de açúcar onde seus pais e irmãos ainda viviam como propriedade. O quilombo ficava nas imediações de Quissamã, litoral do Rio de Janeiro.

Conta-se que sobreviventes da revolta dos Malês se espelharam pelo Brasil. Se juntando aos quilombos e instigando suas comunidades a organizar conflitos e fuga de escravos em diversas fazendas por volta de 1883 e 1885.

Um desses planos de fuga pretendia libertar escravos das plantações de cana de açúcar próximos a Santa Cruz (RJ) e suas usinas. Segundo meu avô, seu pai e outros quilombolas tinham famílias nessas imediações.

Eram poucos os homens que dispunham para essa empreitada, por isso não contavam com a força para libertar os escravos, e sim com um plano que os permitisse entrar e sair das fazendas causando o mínimo de alarde, fugindo furtivos no meio da noite.

Os quilombolas apelaram para os orixás, e conseguiram a proeza graças a ajuda de Iansã (deusa do fogo e dos mortos).

Iansã concedeu ao líder do quilombo uma chave, tal chave seria capaz de abrir todas as portas, cadeados e correntes que estivessem no caminho e, com isso, trariam os escravos pela noite, rápida e silenciosamente.

Não foi tão fácil quanto parecia, muitos morreram na fuga, mas graças a chave eles salvaram muitas vidas.

Essa história foi um dos únicos bens que meu bisavô deixou a seu filho, juntamente com a chave de Iansã.

Meu avô assim como seu pai, carregou esta chave consigo durante toda vida, como amuleto de proteção. Porém não a passou para nenhum filho, preferindo ser enterrado com ela. Não se sabe se seu desejo foi atendido, ou se a chave simplesmente perdeu-se.

Assim como não podemos ter certeza da procedência e nem da veracidade da história desta chave.

Ele dizia, no entanto, que foi um grande sacrifício carregá-la, e que as consequências disso ele não viveria pra ver.

Que sacrifícios e consequências eram essas, não se sabe. Porém, podemos supor que elas se relacionem com esse importante lado do meu avô: as histórias que contava.

Pouco sabia ler, menos ainda escrever. Porém, para cada um dos filhos deu um caderno no qual eram escritas histórias que ele ditava. Meu pai diz que eles achavam ser apenas um exercício para que ele e seus irmãos treinassem a escrita, a partir de grandes histórias que envolviam a chave, passagem para outros mundos, viagens há outros tempos, diálogos com mortos ou com fantasmas.

Achavam que era apenas produto de uma mente criativa, apesar de que, muitos dos seus relatos chegavam a ser até premonitórios.

Supõe-se que cada um dos filhos tenha escrito um caderno desses, recheado de histórias e sonhos ditados, provavelmente cinco ou seis. Não se sabe onde foram parar todos eles ao longo dos anos. Meu pai guardava um desses cadernos, o que meu avô ditou para ele quando criança, e foi com este caderno que entrei em contato na infância. Uma das minhas leituras favoritas.

Foi a partir dessas histórias, que lia quando criança, que retirei alguns personagens, alguns locais, e as principais imagens do conto “De onde os medos crescem”.

Uma enchente em minha casa nos anos noventa destruiu boa parte dos livros dos meus pais, dentre eles o caderno do meu avô. Conseguí na época, recuperar algumas páginas que reescrevi em um segundo caderno, completei algumas das histórias com a ajuda do meu pai, porém muitas páginas perderam-se para sempre.

Um misto de sonhos, verdades e imaginação, além de momentos de sua vida são o resultado dos relatos contidos nos cadernos. Não posso dizer com certeza que meu conto é baseado em fatos reais, mas posso dizer que muitas passagens por mais fantásticas que pareçam tem um fio da realidade, do factual.

De onde os medos Crescem.

O que é isso, senhor?

Uma chave, meu rapaz.

Que é uma chave eu estou vendo, quero saber pra que serve, e porque você esta dando-a para mim?

Para que serve uma chave, meu rapaz?

Ahh, para com isso! Você entendeu o que eu quis dizer!

Tudo bem... eu explico:

Uma chave, ao menos uma chave como esta... vai além de sua função utilitária. Como posso dizer... ela é um símbolo, olhe bem para ela, vê? Esta imagem quer dizer bem mais do que seu significado comum. Além disso, esta chave é especial...

Não sei bem como ela funciona, nunca soube ao certo, já fazia anos desde a última vez que consegui tocá-la, há muito eu pensei que ela fosse apenas uma idéia. Sabe? A idéia de libertação, a idéia de encontro, descoberta, há muito eu pensava que ela era apenas o desejo de atravessar para um novo lugar, de estar dentro, protegido, de conhecer o segredo mais bem guardado. Mas por anos, após a ter em mãos e perdê-la, descobri que tem segredos que devem permanecer trancados, outros, que não precisávamos ir tão longe buscar!

Há mundos que você pode descobrir, com sabores únicos, aos quais você daria sua vida para poder provar uma segunda vez. Aquele sentimento, aquele exato momento... ahh, talvez eu sinta falta daquilo...

Ainda não entendo o que você quer dizer, porque você não vai direto ao ponto? Sem esses joguinhos e mistérios. Eu quero a verdade, se não, vou embora, e pode ficar com sua chave!

Eu não preciso mais dela, por isso, dei-lhe a você, agora ela é sua, Hahaha! Não existe devoluções!

Seu velho maluco! Não sei por que eu estou dando corda a um louco. Eu vou embora, pra mim já deu! E pode ficar com isso!

Hahahaha pode ir. Vai! E aproveite! E ah, tome cuidado ao atravessar a fenda, em rapaz! só vai conseguir sair com as respostas!

Cala boca, você só fala merda, toma, pode ficar!

Bom, como se deve começar a contar uma história? Acho que primeiro é preciso um narrador.

Ele deixa as coisas bem mais fáceis, vai contando quem são os personagens, como são, onde estão, o que esta acontecendo. Sabem até o que pensam. Na maioria das vezes nem se quer estavam lá. Não fazem parte da história.

Vocês podem ficar calmos, eu faço parte dessa história, certo é, que só vou aparecer na metade dela... Mas podem confiar em tudo que vou contar. Sobre os pensamentos e momentos em que, tecnicamente, não estava presente: tenho fontes precisas, o resto eu vi em sonhos e decorei de memórias que ficaram por aí, flutuando, sendo remoídas em minha presença.

E saibam, minha presença é abran gente. Estou dentro de você agora. E serei a voz que vai te acompanhar para sempre.

Vicente acordou assustado. Acabara de ter o sonho mais estranho de que se lembrava, ali sentado no seu carro, esperando Leocádia a poucos metros do metrô. Era noite, e as luzes em neon pulsavam “Hotel Armênia” do outro lado da rua, refletindo suas cores vibrantes sobre o capô do carro.

Com os olhos fixos no magenta e verde limão que se fundiam com o preto automotivo, começou a se lembrar do sonho claramente, parte por parte.

Segurou a mão da moça de vestido branco, e com a mão livre, segurava bem forte a chave. O céu noturno chorava estrelas cadentes e ao longe a lua brilhava gigantesca fazendo sua sombra se estender por metros. Não sabia onde estava, nem onde estava indo, mas a moça de vestido transmitia a ele a confiança que precisava para seguir em frente.

Descalço, Vicente sentia a grama baixa e, às vezes, a sensação agradável se interrompia ao pisar em uma pequena pedra. Seguiam por um caminho sem trilhas, vencendo pequenos morros até que chegaram ao lugar. Uma grande porta no meio do campo parecia ser mantida em pé por linhas finas que iam de suas extremidades até o chão.

Pensou que seria o momento de usar sua chave, mas a moça de vestido abriu a porta sem ao menos fazer força, seguiu-a, atravessou o grande portal que tinha apenas uma fenda entreaberta.

Lá dentro o céu era vermelho, ainda iluminado pelas estrelas e a lua. Ao dar alguns passos adentro, o grande portal desapareceu, deixando os dois ali.

Vicente notou as linhas negras que brotavam do chão e se erguiam, buscando o luar, escalavam, apoiando-se uma nas outras, parecendo costurar o ar até se confundirem com a noite.

“Octávio me pediu que te trouxesse aqui” disse a moça. “Ele disse que este lugar foi importante para que pudesse desfrutar o resto da viagem. Detalhes, que ele só foi entender bem mais tarde...”

“Quem é Octávio?” perguntou Vicente “acho que já sei... Nossa... nunca vi um céu tão belo, dá vontade de tocá-lo”

E Vicente estendeu a mão tentando pegar cada estrela, ou sentir o veludo vermelho da noite, não conseguiu. Porém, estranhamente, começou a ouvir uma voz ao seu ouvido que dizia-lhe exatamente o que estava fazendo e pensava, dizia até mesmo que ele acabava de começar a ouvir uma voz em sua cabeça. Hesitou tentando parar a corrente de pensamentos e narração que se uniram.

Olhou para moça, assustado, e se assustou ainda mais ao notar que a voz guiava suas reações. A moça o olhava com interesse, um misto de alegria e compaixão.

Vicente parou, perguntou à voz o que deveria fazer em seguida, e esperou em silêncio.

“ Você vai caminhar até as costuras do céu, e lá, não precisará mais de mim” Foi o que a moça lhe disse, e foi o que aconteceu.

Correu até lá, e diante das grandes linhas não havia mais caminho algum. Afastou-se alguns metros tentando ver aonde elas iam.

Foi então que um zunido metálico tomou tudo a sua volta, ele tapou seus ouvidos que pareciam querer estourar. Lá no alto, a costura começava a se desfazer, cortada por lâminas invisíveis. Era como se recortassem o céu, uma figura se formava. Um semi-circulo descendo em um retângulo. Como um véu, o céu caiu, deixando apenas a forma vazia pairando entre as costuras. Finalmente o silêncio voltou.

Vicente ao olhar a estranha forma sabia que agora deveria usar sua chave, e começou a escalar as costuras, tentando chegar ao buraco no firmamento. As linhas eram grossas, permitindo a ele se apoiar a cada obstáculo. Não soube quanto tempo levou no processo, mas ainda via ao longe a grande forma. Desejava, seu coração pulsava mais forte ao vê-la, mas parecia que nunca iria encontrá-la.

“Olhe para trás!” olhou, mas era tarde. Um tiro? Algo. Vindo das sombras, desenhando no espaço uma linha. Das sombras até o seu coração. A dor foi forte, mas logo se apagou.

Agora, lá embaixo, Vicente via um corpo cair dos céus, um tiro nas costas o tombara. Correu para socorrer a vítima, confuso. Socorrer a si mesmo?

Viu o corpo bater sobre a grama com um baque surdo, a moça se aproximou e segurou o corpo que ainda respirava, ela o beijou. A chave não estava mais em suas mãos, deixara apenas um rastro, uma queimadura.

Vicente via toda cena, aterrorizado. Relutante, venceu os poucos metros que faltavam para encarar a si mesmo, e foi mais difícil do que poderia imaginar. Ver seu corpo morrer, ver-se desaparecer nos braços de uma desconhecida. O corpo se desfez em pó, e o pó se desfez em nada...

Vicente caiu de joelhos. A moça, o olhava, não foi consolá-lo. Deixou-o ali, e foi caminhando para longe parando de repente. Desenhou uma forma retangular a sua frente, segurou seu centro com as duas mãos e o abriu, deixando a luz do dia entrar pela janela.

As batidas no vidro do carro trouxeram Vicente de volta ao presente no mesmo momento em que o sonho acabou.

Leo pediu para entrar. Ele destravou a porta e a seguiu com os olhos, vendo que ela dava a volta pela frente do carro, puxava a maçaneta e entrava.

Cumprimentaram-se com um beijo leve nos lábios, ele notou que ela havia chorado há pouco.

“O que foi, você está bem?”

“Si...sim, estou bem, mas é que tenho uma coisa pra te contar...” Ele a observava atento. Seu olhar o preocupava, ela desviou-o, e então disse tudo de uma vez.

“Vi, é sobre sua avó. Parece que invadiram a casa dela, feriram-na gravemente e ela não resistiu.” Leocádia, pontuou sua ultima palavra com choro e soluços. Vicente não sabia o que esperar, mas foi bem pior do que podia imaginar. Com um nó na garganta, quase sufocando-o, e sem palavras, queria mais detalhes, queria um motivo, uma explicação, mas Léo não tinha todas as respostas.

“Disseram que foi com um tiro, um tiro pelas costas... Não consigo acreditar como as pessoas podem ser tão perversas, não havia sinal de reação, ela era uma senhora de oitenta anos, o que poderia fazer!”

Vicente a abraçou, chorar era o único poder que tinham... e ali ficaram por um tempo, fazendo tudo que podiam.

Vicente olhou pela janela, as pessoas começavam a chegar do cemitério. O número de carros tomou toda a rua. E agora, que tudo já tinha terminado, ele se perguntava por quê?

Longos cumprimentos, inúmeras palavras vazias, porém depois do choque, depois ver toda a situação, dormir uma, duas... três noites com a imagem dela em sua cabeça, percebeu que não deveria mais chorar, que não havia mais peso, estava de certa forma feliz porque agora ela estava livre.

Porém não era isso que deveria sentir. Toda aquela cerimônia, todo tom das palavras, a terra batendo sobre o caixão, tudo isso trouxe a ele um grande peso novamente, um nó em sua garganta.

Disse apenas que daria uma volta. Pegou o carro e saiu deixando todos para trás.

Dirigi sem destino algum, queria me distanciar. Coloquei o álbum “A tempestade” e deixei rolar. Não sei que grande idéia foi essa, pegar o carro e dirigir no trânsito estressante da cidade!

Fui entrando por ruas automaticamente, os versos “...porque me quebraste em mil pedaços...” soavam no rádio enquanto eu me aproximava da rua da minha antiga casa. Não sei qual motivo levou-me para o bairro que vivi a maior parte da minha infância.

O sol se punha, mas sua beleza era quase impossível de se ver. As nuvens cobriam o céu, deixando tudo cinza.

Desci do carro e olhei pelo portão, a casa parecia estar fechada há muito tempo: pelo quintal via-se flores mortas e o mato, algum lixo, e outros objetos jogados. Senti vontade de entrar. O muro não era muito alto, lembro-me de escalá-lo muitas vezes. O movimento nas ruas do subúrbio às seis horas é grande. Notava sobre mim alguns olhares. Crianças brincavam, moças e senhoras olhavam a rua de seus portões e janelas. Peguei meu molho de chaves e olhei a fechadura entre as barras de ferro, quem sabe alguma serviria?

Já tinha tentado quase todas e nenhuma haviam servido, minha última tentativa era uma chave que não reconheci naquele momento. Esta abriu o portão. Empurrei-o e o ranger familiar trouxe-me a sensação de chegar em casa após uma longa viagem.

Fui caminhando pelo quintal bem devagar, a cada passo memórias. Brincadeiras, pessoas, festas, quedas e machucados. Tudo isso vinha à tona. Desci as pequenas escadas que levavam ao resto do terreno, as árvores foram cortadas, ou caíram? Disso eu não lembrava. Entre o concreto, o mato abria caminho, e sobre eles repousavam pedaços de brinquedos que não foram meus. A minha volta o silêncio era quebrado pelas crianças gritando e correndo na rua, ou o som das tevês.

Uma grande melancolia me invade. Uma tristeza, saber que tudo passa. O lugar ainda está lá, mas as pessoas que traziam-lhe a vida se foram. Cresceram, seguiram em frente. Lembranças dos meus primos, irmãos, amigos de infância. O gosto do novo estava em cada pedaço daquele chão velho e destruído.

Seco meu rosto, lágrimas que não caíram no cemitério. Forço cada porta, tento usar as chaves e nada, não consigo abrir. Tento as janelas, mas também estão trancadas. Procuro no quintal algo que me permita arrombar, conheço aqueles trincos, sei que o movimento certo...

A janela da lavanderia, era a mais fácil de abrir, foi finalmente por ela que consegui entrar usando apenas um velho raio de bicicleta. Saltá-la foi bem mais simples agora do que quando pequeno.

A escuridão é completa. O cheiro de mofo. Ar saturado. Espero alguns instantes para meu olho se acostumar com negrume e um pouco de ventilação tornar o lugar suportável.

Não adianta, não enxergo nada a minha frente.

Encostado na janela, com as mãos no batente. O que eu estou fazendo? Não sei o que pode haver naquele lugar, há tanto tempo abandonado. Uma parte de mim quer voltar para o carro e ir embora, a outra quer caminhar pelos corredores da minha infância e na falta de luz, preencher os espaços com minha memória. Quem sabe o que poderia ter além daquela janela...

O medo me toma, tateio os bolsos da minha calça e nada encontro, sigo para os da jaqueta, e na altura do peito acho meu maço e meu isqueiro.

Ilumino o chão, pequenas marcas sobre a poeira, nada além disso. Olho ao redor, tudo vazio, vou caminhando com cuidado, quero chegar ao meu quarto. Para isso vou ter que passar pela sala e a cozinha, atravessar o corredor, e quase no fim dele abrir a porta. O caminho se desenhava na minha mente, a luz alaranjada me contava o que havia a poucos passos adiante. Os cômodos eram pequenos e nada havia sido deixado para trás, os que vieram depois de mim e minha família nada mudaram ali, os azulejos antigos, os lustres baratos, tinham ficado, assim como a pia e os móveis de madeira podre da cozinha. Não era mais um lar. Atravessei a cozinha sem querer lembrar as reuniões ali, deixando atrás de mim a escuridão total, cheguei ao corredor. O ar bastante pesado carregava um odor mórbido.

Ouçõ o som de água caindo, meu coração dispara, a poucos metros de mim o chuveiro tinha sido ligado. Fico imóvel, paralisado, todos meus pêlos se arrepiam, a adrenalina injetada no sangue preenche a escuridão com vultos e sons, me sinto uma criança novamente, com medo do escuro, de fantasmas, ratos, assassinos, o puro temor do que desconheço, aliás, este último eu nunca abandonei.

O ranger da porta do meu quarto quebrou as correntes do pavor, apaguei o isqueiro e andava rápido pelo escuro segurando pelas paredes tentando não fazer barulho, o curto caminho até a janela pareceu enorme, eu queria sair dali. Novamente na lavanderia, não encontrei o recorte retangular da janela, me perguntei se não tinha pegado o caminho errado. Era impossível, não tinha bifurcações entre os cômodos. Comecei a me sentir asfixiado, ao longe o som do chuveiro ainda era audível, deveria vir do antigo quarto dos meus pais. O pânico me fez suar, estava ofegante, e não havia ar suficiente. Cadê a janela! Deixei meu corpo cair, encostado a uma parede.

“Sonata ao luar” começou a tocar um pouco torta, o som fraco, era de um piano de criança, o meu piano? Não, nada tinha ficado.

Sentia-me um garotinho fazendo algo errado, um garotinho enrascado, queria me esconder e esperar o dia chegar, na luz do dia não existem monstros, não existe mistério. Mas lembrei que não era mais uma criancinha, que como um adulto, nada temia na escuridão.

Levantei-me, sentia a textura da parede, a aspereza do chão, o frio do concreto em minhas costas e a realidade dos meus sentidos afastou qualquer medo infantil. Fui andando novamente em direção ao corredor segurando a luz sobe minha cabeça, passos firmes, gritei um “olá”, nada, “olá, tem alguém aqui?” somente os acordes de Beethoven me respondiam.

No fim do corredor um risco de luz cortava a parede oposta a porta do meu quarto. Andei até lá, mãos na maçaneta, abri.

“Olá, com licença...” a música foi interrompida, entrei no quarto sem saber o que iria encontrar. O cômodo estava quase vazio, com exceção do pequeno piano no canto, uma bola vermelha e três crianças. Uma delas sentada em um banquinho em frente às teclas, as outras duas no chão brincavam com pecinhas coloridas. A luz vinha da lâmpada central no teto tingindo todos com um tom amarelo estranho.

“Oi, não sabia que tinha alguém aqui, cadê a mãe de vocês?”

“Vicente seu bobo, entra logo e fecha à porta, o pai vai brigar comigo se eu tocar com ela aberta!” a mocinha de vestido, a maior, com os dedinhos sobre o piano devia ter onze anos. Os dois menores olharam pra mim e voltaram a brincar, ou brigar, para saber quem ficaria com mais peças.

Eram rostos conhecidos, o medo foi substituído por estranheza e curiosidade.

“Entra logo, vai!” Sussurrou.

Obedeci a garotinha, fechei a porta atrás de mim. O peso no ar desapareceu.

Ela voltou a tocar, esquecendo-me, tentava acertar a evolução da partitura com afinco diante os fracassos. “Você toca bem!” ela responde um obrigado seco, e continua tocando, vejo as duas crianças unindo as peças, concentradas, não ligam pra mim. Rostos familiares... familiares?

Ela se virou sorrindo pra mim. Meu celular começou a tocar. Um toque irritante. Esqueci que ainda estava com ele, me esqueci do mundo lá fora.

“Alô, Sal? Sim, esta tudo bem, e aí, como estão às coisas?... como assim? só sai por algumas horas! Onde eu to? hahaha cara, a coisa mais estranha do mundo, to na antiga casa dos meus pais! É, sei lá, só vim pra cá, não, não tem. Bom eu achava que não tinha, agora estou aqui com meus priminhos, ao menos eu acho que são! Eu não sei! Não, eu to bem...sério! o quê? Por que essa voz preocupada? Alô? Sal? Al...”

Perdi o sinal. Wilma olhava assustada pra mim, tinha fechado a tampa do piano. Os outros dois pararam de brincar e se comprimiam em um canto do quarto.

“O que foi? Aconteceu alguma coisa Wilma?” “Psiu! Acho que ele te ouviu, me ajuda!” ao dizer isso ela correu e segurou minha mão, apontou para o piano, e disse para colocá-lo em frente à porta. Não entendia o que estava acontecendo, mas seu olhar e suas súplicas fizeram-me atender o seu pedido.

Ao mover o piano pude ver uma pequena porta na parede, não tinha nenhuma lembrança daquele esconderijo. Ela pediu para que eu entrasse. Olhei desconfiado, talvez eu conseguisse entrar, mas o lugar era muito apertado. O silêncio foi quebrado pelo som de uma porta batendo furiosa ao longe. Wilma não me esperou, se esgueirou por entre a portar se virando, olhou para os dois garotinhos, ainda no canto, e disse “fiquem aqui e enganem ele” voltou para dentro perdendo-se na escuridão.

Não sabia o que fazer, não devia correr, devia esperar e falar com o pai de Wilma. Como se derramassem água gelada em minha cabeça, lembrei-me do medo que sentia do meu tio, mesmo após sua morte. O que esperar? Quem?

Passos no corredor.

Olho para os dois pequenos. A cena é estranha, e observo por algum tempo para tentar compreender que imagem era aquela. As crianças pareciam se unir, em uma massa flácida. Tento tocá-las, prestar algum auxílio, não sei o que fazer!

Batidas pesadas na porta, um urro de raiva.

“Wilhelmina, porque trancou essa maldita porta outra vez, tem outro ai com você?”

Sinto que nada posso fazer, a massa disforme transpassa meus braços, corro para a porta, tento segura-lá com meu corpo.

O golpe contra a madeira foi tão forte que sou jogado longe, junto com o piano que cai ao chão com tons dissonantes. Olho em volta tentando entender o que está acontecendo, um grande homem nu mantém-se em pé na entrada do quarto, a água escorria pelo seu corpo partindo dos longos cabelos que cobriam seu rosto até as escamas das garras dos pés. Garras afiadas, como a de um grande falcão.

Nova carga de adrenalina em meu sangue. Ao meu lado vejo surgir a figura de Wilhelmina, “ Por que você voltou?” Ponho-me de pé à frente de Wilma, olhos fixos no homem. Via seu corpo arquear com a respiração, fazendo gotas voarem metros à frente. É como se seus olhos vissem através de mim.

Saltou em minha direção com passos longos e fortes, braços estendidos, suas mãos atravessam meu peito antes que eu conseguisse me defender, e continuaram, tentando agarrar Wilma que se jogou pra trás.

Como se eu não estivesse ali, passou por meu corpo e agarrou a pobre garotinha que tinha pânico em seu olhar. Ela não gritava.

Tentei atacar a “coisa”, e meus golpes atingiam o nada. Os olhos grandes e maliciosos da criatura olhavam os da garotinha. Ainda desferia golpes que ultrapassavam seu corpo quando as mãos grossas rasgaram o vestido branco de Wilma, gritei de ódio, olhei em volta procurando algo para atacá-lo e impedir o que viria a seguir.

O piano sobre o chão, a bola vermelha ao canto, a pequena porta do esconderijo encostada, nenhum sinal das duas crianças e nada que pudesse usar contra aquela aberração.

Um sutil chamado me fez agachar e olhar melhor para o buraco na parede. Joguei-me para dentro, primeiro as pernas, depois o tronco. “Vem logo Vicente, antes que ele note!”

Dei a última olhada, o corpo deformado do meu tio preste a devorar a cabeça de um pequeno corpo já sem braços.

“Você pensou que era eu!” riu Wilma “Tem sorte que o pai não conseguiu te ver..”

“Como eu poderia imaginar uma loucura como esta, deveria ter me avisado! O que aconteceu com ele? E o que aconteceu com seus irmãozinhos?”

“Como assim, ele sempre foi daquele jeito, seu cabeça, você não lembra?”

Rastejavam pelo buraco, um longo túnel de chão de barro. O vestido de Wilhelmina se tingia de marrom, ela ia à frente guiando.

“E... eu só tenho um irmão... Você sabe” um tom triste cortou o bom humor de Wilma

“Eles são meus amigos, Hugin e Munin. Eles me protegem do pai todas às vezes...”

Vicente deixou-se levar pelo pensamento de não impedir que seus dois melhores amigos fossem devorados sem pena alguma..

“Aiii Vicente... eles estão bem, eu os farei aparecer outra vez, assim como fiz eles se passarem por mim. Você não muda nunca, um grande bocó!”

Ele riu das palavras de Wilma, elas não o feriam mais, claro, só deixavam um gosto de saudade.

“Hugin e Munin sempre enganam o pai quando eu não quero ser devorada.”

“Como assim, sempre?”

“É, eu tenho esse pesadelo algumas vezes...” Ela parou e olhou para trás, não enxergava muito, mas Vicente sentiu que ela o olhava “obrigada, ainda bem que você chegou, eu nunca iria conseguir escapar, essa era a única saída”

Ele pensou em dizer um “de nada!”, mas calou-se, tentando entender o que estava acontecendo a seu redor, confusão era pouco, estava totalmente perdido na corrente de fatos que o levaram até aquele túnel. Lembrou-se da ligação de Sal, uma frase voltou a sua cabeça “Você nos deixou preocupado, quase dois dias sumido e nem uma ligação!”. Não acreditava que esse tempo todo tenha se passado. Não era possível, porém seu entendimento do “possível” se expandia a cada segundo.

“Wilma, para onde estamos indo?”

“Primeiro para a casa de vovó, estamos quase lá. Depois eu, Hugin e Munin vamos mais a frente, encontrar uns amigos! Vi, mal posso esperar!”

Logo a casa de sua avó em Vicente? Sua fuga não o levou muito longe dos seus problemas.

“Já estamos quase no fim do túnel, aí é só subir as escadas e pronto!”

E pronto, subindo as escadas estariam na varanda de pisos vermelhos de sua avó.

Subiram os degraus de ferro perdidos na escuridão, Vicente via o recorte oval que a luz fazia entrando no buraco e dando forma a escada. Parecia firme, estranhamente confiável.

Chegaram aos últimos degraus, ao se jogar pra fora Vicente se assustou. Além da luz da manhã, não sabia onde estava. A sua volta uma neblina, o céu era puro cinza, e o chão era branco, coberto de neve.

Ajudou Wilma a subir, um sorriso leve sobre um rosto manchado com barro.

Mesmo com sua jaqueta, ele sentia frio, nunca tinha visto neve na vida, ainda ajoelhado pegou um pouco nas mãos sentindo a textura dos flocos que se derretiam entre seus dedos.

Wilma correu, perdendo-se na neblina, dava gargalhadas. Vicente a viu desaparecer no branco e ficou preocupado, levantou-se e foi atrás dela, chamando-a de volta.

Ele seguiu os chamados da garota entre as risadas, e já podia ver sua silhueta.

A mocinha parou em frente ao portão de madeira que era ladeado por muros baixos. Tinham chegado. Wilma olhou para seu primo e então abriu o pequeno portão, correndo em direção a casa, ele caminhou devagar pelo caminho ladeado de rosas, até chegar à porta vermelha.

Ficou de frente para aquela porta de madeira, que já foi tão grande para ele quando criança. Pensou nas visitas a sua avó, nas tardes de domingo, nos aniversários que fez ali. Lembrava de acordar pela manhã sentindo o cheiro do café e do pão, levantar-se e ficar olhando pela janela a neblina em dias como aquele esperando ser chamado para o café da manhã.

“Deixe-me chamá-la pra você, já que você parece uma estátua aí!” disse a garota apertando a campainha.

Vicente tinha medo, imaginando a sua avó abrindo a porta, nos últimos dias pensou em tantas coisas que queria ter dito e nunca conseguiu. Não que não tivesse tido chance, porém nunca achava tempo, ou achava que não tinha importância. No entanto, depois que ela se foi, todas essas coisas voltavam a sua mente, como se fossem os diálogos mais importantes da humanidade.

Teria a chance agora?

Wilma tocou mais uma vez a campainha, mas ninguém abriu. “Vai ver Wilma não sabe ainda que ela esta morta...”

“Vem, não tem ninguém aí, a vovó não esta mais aí...”

“Espera Vi, tem sim, já vão abrir a porta, apressado você em!”

Vicente olhou com tristeza para garota, sentiu que devia contar a ela, abaixou-se um pouco, ficando na altura dos grandes olhos da garota, pousou as mãos em seu ombro.

“Acho que tenho que te contar uma coisa...”

Ele não continuou, a porta se abriu neste momento. Wilma cortou o olhar confuso que dirigia ao primo e sorriu olhando para a porta aberta. Ele hesitou por alguns segundos, sua visão periférica formava a vaga imagem de uma mulher, não tinha certeza se queria confirmar quem era.

“Olá”

“Oi Alba!” disse Wilma virando-se para Vicente “Não falei que ela estava aí!”

Ele fechou os olhos e levantou o corpo olhando para a porta. Estava confuso. A curta saudação trouxe-lhe uma voz conhecida, que não conseguiu identificar.

Suas pálpebras pesavam toneladas, mas finalmente conseguiu abrir os olhos, e ver quem o recebia.

“Quem é o seu amigo, mocinha, não sabia que traria visitas dessa vez”

Vicente admirava o sorriso da moça a sua frente, a pela lisa, os cachos escuros contrastando com a pele, os olhos de um âmbar puro. Não, não era sua avó.

Wilma deu uma beliscada na mão do primo, trazendo-o de volta ao mundo.

“Ah, Olá, eu sou primo da Wilma, me chamo Vicente”

“Sim, me lembrei... eu sou a Alba, vocês gostariam de entrar, eu imagino, venham!”

“Sim, claro Prazer em conhecê-la...” disse Vicente “está um pouco frio aqui fora... neve... nossa!”

“Não, gente, desculpa, mas eu não vou poder entrar não...”

“Ah, não vai ficar nem um pouquinho? Adoro suas visitas.”

“Alba, ‘desculpa’ mesmo, é que daqui a pouco vou acordar, tenho que encontrar uns amigos, o Octávio que me mandou, sabe?”

“Bom, se é assunto do Octávio é melhor correr, não é?”

O nome lembrou Vicente o sonho que teve no carro há poucos dias. Estaria ele sonhando tudo isso também?

Faria sentido, afinal, como poderia tudo isso que aconteceu nas últimas horas ser verdade? Vai ver ainda estivesse deitado no chão frio e empoeirado da sua antiga casa, ou talvez ainda estivesse no seu carro e nem tenha encontrado Leocádia, nem nunca tenha aberto aquele portão, ou vai ver...

“Não é bem isso não, Vi...”

Alba deu um olhar de repreensão à pequena Wilma.

“Vou chamar Hugin e Munin, eles vão me levar rapidinho pra lá”

Wilma abriu um pequeno bolso no vestido, de onde tirou um vidrinho dourado em forma de pássaro, abriu-o jogando seu conteúdo no chão vermelho, um líquido marrom escuro, quase preto, escorria viscoso da boca do frasco até o chão. O líquido criava forma.

“Mas então, quem é esse Octávio afinal?”

As duas olharam-se, e foi Alba que falou.

“Como assim? Pelo que sei, ele é avô de vocês, não é Wilma, como não o conhece?”

“É sim, ele é meu avô, foi ele que me deu os dois” e apontou com a cabeça os dois corvos pousados a sua frente, seus melhores amigos.

Vicente perdeu-se em seus pensamentos, seu olhar envolvido no movimento das penas dos pássaros. De fato ele nunca havia conhecido seu avô, nenhum deles.

“Quem sabe em breve você o veja por aí?” disse Alba, tentando animá-lo.

“É... logo ele aparece!”

Os corvos cresceram um pouco mais e voaram até o quintal. Suas penas contrastavam com a neve branca.

“Eles estão com pressa, tchau pra vocês!”

“Tchau” responderam os dois vendo a garota correr em direção aos pássaros.

“Ainda quer entrar?”

“Sim, sim, por favor.”

E assim fizeram. Alba trancava a porta enquanto via Wilma alçar vôo. Ela sorriu, queria poder sentir aquela liberdade.

Vicente olhava o cômodo, a sala de entrada. A casa de sua avó permanecia a mesma, só uma coisa tinha mudado: o ambiente tinha sido organizado com a tonalidade vermelha. Piso, paredes, móveis, objetos, porta-retratos e fotografias. Tudo compunha o ambiente monocromático.

A moça ficou ao lado de Vicente observando as fotografias, eram as mesmas fotos de família que sua avó deixou.

“Tem alguma com você aí?”

“Ah, tem sim. Olha, eu aqui com três anos... aqui indo pra escolinha.. e aqui eu, minha esposa Leocádia, e meu filho Antônio”

“Que bonitinho ele é, parece muito com você, mas os olhos e a boca ele puxou da mãe!” sorriu “Um dia quero ter os meus... estranho sabe... eu não conseguia ver essas fotografias, estavam todas em branco!”

Vicente tentou imaginar o porquê desse fato, mas logo foi pego pelo sorriso de Alba, retribuiu sem jeito.

Pelos seus gestos e sua fala, ele diria que a moça passava dos vinte, vinte quatro anos talvez, porém seu rosto era ainda mais jovial, parecia ser impossível acreditar que ela tivesse mais que dezesseis. Ele ainda não conseguia se lembrar de onde a conhecia.

O silêncio invadiu a casa e Vicente resolveu quebrá-lo.

“Há quanto tempo mora aqui?”

“Agora... deve fazer alguns meses... se bem me lembro era outubro... Sua avó Caetana me convidou para cá, aliás, por pouco você não a encontra, ela saiu algumas horas antes de você chegar!”

“Sério? será que ela vai demorar?”

“Bom, ela disse que ia fazer uma longa viagem... mas você pode esperar se quiser. Adoraria companhia, as horas aqui são longas...”

Sim, algumas vezes longas demais, Vicente pensou. Olhou o relógio, que dizia a hora, sete e meia da manhã, e o mês, Setembro.

“Ou, às vezes, passa rápido demais, e a gente nem nota... Tem certeza que ela foi embora há poucas horas?” completou ele.

“Tenho sim, quando acordei essa manhã ela já estava com as malas prontas. Parecia animada...”

“Sabe pra onde ela foi? Pode levar-me até lá?”

“Não, não posso te levar, na verdade, eu não consigo sair dessa casa.”

“Como assim, não consegue?”

“Simples, não consigo. Sempre que tento tudo se apaga... a neblina cobre tudo, fica tudo branco, e quando eu vejo estou aqui dentro outra vez, ali no corredor...”

“O Que está acontecendo aqui? O que aconteceu com o mundo, com as pessoas... por que está tudo assim: tão confuso... tão estranho...?”

Vicente seguiu para o corredor, nele era tudo branco, os tacos no chão mostravam os pálidos veios da madeira, nas paredes os quadros de molduras imaculadas exibiam imagens com tonalidades sutis, do puro marfim ao algodão e, inicialmente, Vicente pensou que estivessem todos apagados.

“Já se sentiu em um sonho em que você não consegue acordar?” Perguntou para Alba.

Ela mastigava a pergunta, sentido seu gosto, tentando reconhecer seu sabor, e respondeu:

“Não... e você, já viveu um sonho em que preferiria não acordar nunca mais?”

“Acho... acho que sim, mas não consigo me lembrar como era...”

“É, Você não se lembra, eu sei.”

Alba abaixou o rosto, Vicente viu uma lágrima cair, seus cabelos negros sobre o rosto clareavam, parando no ruivo alaranjado.

“Esta tudo bem moça?” Ela seguiu correndo para o fim do corredor, ele a seguiu. “Alba, o que foi que aconteceu?”

Seu celular começa a tocar novamente no bolso interno de sua jaqueta. Ele pensa em não atender, mas a curiosidade o faz pegar o aparelho. Era Salvador outra vez.

“Alô Sal, tudo bem?”

“Vicente, onde você está? To te ligando há horas! passei na frente da sua casa antiga, nada de você nem seu carro!”

“Calma Sal, está tudo bem, estou na casa da minha avó agora...”

“Da sua avó? Como foi parar aí? Olha, não sai daí não, a Léo me mata se eu não voltar logo com você para casa.”

“Tudo bem, não vou a lugar nenhum. Estou te esperando.”

“Até mais então... e que bom que está bem.”

“Espera, está tudo bem com a Leo e o Antônio?”

“Sim, apesar de tudo, estão bem... olha, não sai daí tudo bem? Até logo.”

Alba abriu a porta do banheiro e saiu, enquanto Vicente guardava o celular no bolso. Seus cabelos estavam mais claros, sem dúvida. Apesar de ela ter tentado disfarçar, notava-se que tinha chorado há pouco.

“Seu amigo vai vir te buscar?” perguntou a garota.

“Sim, ele está aqui perto...”

“Você disse que queria acordar, mas não estamos em um sonho... não exatamente” ela foi até Vicente e segurou a sua mão. “mesmo assim, para se sair daqui temos que ‘acordar’ de certa forma. Vem comigo.”

Eles seguiram pelo corredor, e entraram na cozinha totalmente azul, chegando então onde foi uma grande sala, mas que agora era um grande depósito, parecia que Caetana tinha passado a guardar quase tudo de sua vida naquela sala. Caixas tomavam paredes, móveis empilhados, quadros encostados no chão, buquês de rosas secas, e no meio de tudo aquilo uma cama de solteiro. A luz entrava por uma grande janela de vidro a direita. Tudo na sala era de um tom sépia, com exceção da colcha rosa que forrava a cama. Isso intrigou muito Vicente, a ponto de ele perguntar:

“Porque só a colcha é rosa? Até agora, tudo era do mesmo tom, sempre!”

“Ah, você notou, peguei ela hoje de manhã no quarto de Caetana.” Alba deixou escapar um sorriso, seus olhos de mel pareciam mudar de cor.

Ela foi até a cama e se sentou. Ele fez o mesmo. Abriu a gaveta do criado mudo ao lado de sua cama, vasculhou entre os papéis, tirando por fim, um envelope que entregou a Vicente.

“Antes de você ir, eu tinha que te entregar isso. O Octávio disse que te traria respostas.”

“Octávio de novo... como ele sabia que eu viria?”

“Não tenho idéia. Às vezes ele me assusta, parece que sabe de tudo que acontece por aqui!”

Vicente segurou o envelope entre as mãos.

“Que tipo de respostas ele me deixou?”

“Abra e descubra...”

“Você não leu então?”

“Não, tive medo de ler.”

Alba riu, e alegrou Vicente com seu sorriso.

“Haha, por que medo, ele ficaria sabendo?”

“É besteira minha... sabe quando a gente esta tendo um sonho, e nos entregam uma coisa pra ler, ou temos que ler uma placa, algo assim?”

“Uhum, já tive sonhos assim...”

“E aí a gente tenta ler e acaba acordando!” eles riram “Quem sabe, essas respostas te acordem também?”

Ainda riam da teoria de Alba. Ela agora tinha os olhos negros e os cachos ruivos caindo sobre seu rosto. Ele abriu o envelope desdobrando as folhas. Começou a ler. Quem sabe desse certo?

“Ah, esqueci, ele disse para você ler em voz alta e que eu lhe tirasse qualquer dúvida que surgisse.”

Então recomeçou:

“Pode ser que você já a tenha reconhecido, mas se ainda não notou, ela lembrou-se de você desde o momento que entrou por aquela porta.

Vocês já não se falavam há algum tempo, pode tê-la apagada da memória, mas vai lembrar-se da sua voz e seu jeito.

Ela tinha sonhos, planos simples, desejos de uma vida. Estava lutando por isso, estava quase vivendo o que sonhou.

Houve um tempo em que você, Vicente, fazia parte desse sonho, aliás, era uma importante parte dele, mas sua impotência e acomodação não a seguraram. Você a deixou ir.

Mas ela seguiu com seus sonhos, moldando-os de acordo com as necessidades.

A primavera chegava ao fim, deixando o gosto da esperança, casaria ao inverno, e quem sabe no próximo verão já estaria à espera do seu primeiro filho. Viveria a simples alegria de ser amada. Mesmo diante de todas as dificuldades que isso acarretaria” Vicente parou.

“ Não entendo... por que ele está contando essa história.” e os olhos de Alba eram seu plantão de dúvidas.

Não precisou que ela dissesse nada. Seu rosto triste molhado de lágrimas uniu-se à antigas memórias de Vicente. Tudo veio à tona.

“Pode continuar?” perguntou Alba, ele hesitou, vendo, porém aqueles grandes olhos quase que suplicando. A dor. A verdade.

“Seus sonhos... viraram apenas história. Uma lembrança a mais sobre uma vida interrompida, não teve tempo. o fim chegou antes.

Quem sabe você não a teria salvado? Poderia ter sido diferente. O seu medo de viver pode levar outras vidas a uma rua sem saída. Pense nisso.

Octávio.

P.S: O irmão de Alba queria que a carta seguinte chegasse a ela. Leia a para a moça, por favor.”

Ela olhou a folha reconhecendo a letra, sorriu entre o choro silencioso. Vicente leu no seu olhar novamente o pedido.

“Às vezes, nós ficamos juntos, pensando em como teria sido, seguir todos juntos. Até onde iríamos chegar?

Se você soubesse a saudade que deixou, não teria ido. E essa saudade não quer passar, talvez nunca passe.

Sinto-me sufocar, uma angústia me invade, sinto um nó na garganta quando olho nos lugares dessa casa que você não esta mais.

Às vezes, quando vou até seu quarto, penso que de algum jeito você deve estar lá.

Eu sei que nessas horas a gente não escolhe, mas você poderia ter tentando.

Em dias tristes e vazios, penso em como a vida nos passou pra trás. Não dá pra não pensar em você, pergunto-me como você está, mas você não responde.

Já era como foi, as coisas tinham que ser assim . Só queria dizer que não me esqueci de você, disseram-me que um dia nós vamos nos encontrar de novo, mas e se ninguém se lembrar de ninguém?

Por favor, lembre-se de mim, mesmo que eu não me lembre de você.

Queria ter dito o quanto você era importante quando tinha a chance. Será que um dia vai ler isso? Espero que sim, acho que mereço te ver mais uma vez.

Beijos, do seu Pequeno.”

Um estrondo seguiu o ponto final. Fortes tremores fizeram algumas caixas caírem de suas pilhas. A chuva começou a cair lá fora. Como uma grande tempestade vinda do nada.

Vicente logo percebeu, um líquido escorrendo pelas paredes, não era a água da chuva, e sim algo viscoso e escuro.

“O que esta acontecendo?”

Alba estava assustada, Vicente a abraçou.

“As coisas estão se apagando na minha cabeça. Vicente, você está lembrando-se de mim agora?”

“Agora eu me lembro, antes eu não conseguia, só tinha a sensação...”

Os tremores cresceram, os dois estavam sentados sobre a cama, as paredes foram tomadas pelo liquido que escorria do teto e já fazia uma poça pelo chão do quarto.

“Fiquei em coma quatro dias” dizia ela em meio ao caos “só souberam que eu estava naquele hospital no terceiro dia. Minha família finalmente me encontrou e foram me visitar, alguns amigos e meu noivo também foram, mas você não...” sua voz era calma e triste.

“Eu só soube quando você acordou, o Salvador foi te visitar. Contou-me do seu estado, eu tive medo de vê-la, depois de tanto tempo, e com seu noivo lá... Temos que sair daqui Alba.”

Ela continuou.

“Acordei no quinto dia, todos sentiram esperança, já agradeciam ao santos, aos deuses, a quem for. Mas naquela noite eu não resisti.”

“Eu queria ter ido vê-la, depois que soube que tinha acordado, não pude ir no mesmo dia, e depois... era tarde”

Eles ficaram abraçados.

“Algumas palavras morreram na minha garganta, quero dizer que eu...”

Ela o interrompeu, selando seus lábios com os dedos.

“Eu sei, eu sempre soube.”

Novos tremores, o líquido negro já atingia um pé de altura, logo tomaria a cama.

“Temos que sair daqui, Alba”

“Não, eu não quero, tenho que ficar” ela se afastou “quero que leve algo pra se lembrar de mim”

Ela rasgou a fina blusa de renda branca que usava, mostrando o dorso.

Havia três botões encravados em sua pele. Ela os desabotoou um a um com cuidado. Abriu assim seu tórax, introduziu os dedos por entre as suas costelas, procurava algo.

Lembranças invadiam a mente de Vicente, primeiro a última imagem que tinha de Alba, o tule sobre seu rosto, as mãos sobrepostas, os três botões de prata. Depois as imagens boas, nostálgicas noites juvenis.

Ela achou o que procurava. Em um movimento bruto, puxou algo entre os dedos sujos de um vermelho coagulado. Um relicário em forma de coração.

O líquido já manchava sua cintura de um negro nanquim.

Linhas prendiam o relicário ao seu peito. Ela as cortou usando os dentes, dando em seguida o objeto a Vicente que o recebeu assustado e com lisonjeio.

“Vem comigo, temos que sair daqui!”

“Não, agora é tarde de mais... Adeus, meu pequeno”

Vicente secou as lágrimas que rolavam dos grandes olhos de Alba. Seus cachos emolduravam seu rosto e reluziam, mas em um segundo, tudo perdeu a cor.

Ele a abraçou sentindo o corpo da moça perder o calor e enrijecer, até ser tão duro quanto o concreto.

Ele afastou-se, e ela já tinha ido, junto com seu calor, sua cor, sua alma.

A sua frente: uma estátua de areia. Alguém que amou. Estátua que se diluía nas lágrimas da casa.

O óleo escuro já chegava ao peito. Vendo Alba afundar lentamente, ocorreu-lhe que não podia ficar ali esperando se afofar naquela dor.

Levantou-se buscando a porta, mas não a encontrou. Entre os tons de sépia e negro, as caixas, as estantes e móveis não mostravam a saída.

Em pé sobre a cama, via seu rosto refletir na superfície vinílica que cobria seu ombro.

O fino branco da neve lá fora chamou sua atenção. Era sua única saída.

Vicente tinha finalmente alcançado Octávio. Mas parecia que só havia conseguido porque esse era o desejo do seu avô..

— Você esta transitando entre o real e o sonho. Nada é tão simples, as coisas nunca são totalmente reais ou falsas na nossa vida. A diferença é que você sente isso na pele.

Chovia forte quando eu cheguei à casa de Caetana, o vento era frio. Pedras de granizo desciam do céu, pequenas e a afiadas. Enchiam o chão unindo-se com a neve. Neve! Pensei: que loucura.

Abri o porta-malas, e corri para buscar o guarda-chuva protegendo a cabeça. Olhei para a casa de tijolos alaranjados e porta vermelha.

Vicente deveria estar lá dentro. Atravessei o pequeno portão e percorri o quintal. Um líquido negro escorria por cada fresta da casa. Diluía-se em tons amarronzados entre a neve e o gelo.

Dei a volta pela casa, olhando as janelas, pensando se ele ainda estaria lá dentro, a julgar pelas janelas totalmente escuras, provavelmente já teria se afogado. Imaginava uma forma de entrar.

Chego aos fundos junto com o som do vidro quebrando, a água jorrou como uma cachoeira trazendo móveis, vidros e um corpo.

Corri até Vicente, que permaneceu jogado ao chão. Sangue escorria do seu corpo. Ele respirava, mas parecia cansado. Protegi seu corpo com o guarda-chuva, tentando levantá-lo apoiado em meu ombro.

Seguimos para o carro, a água continuava esvaziando a casa. Lutamos contra os objetos que flutuavam. Chegando finalmente ao veículo.

— O que aconteceu com você?

Ele tossiu um pouco “ é uma longa história...” disse ele.

Estava tremendo, peguei uma coberta de flanela no banco de trás, e o ajudei a se enrolar. Ele tinha algo entre as mãos, e o segurava bem forte, podia ver apenas algumas linhas de barbante pendendo de seus dedos. Liguei o aquecedor esperamos a chuva passar.

Contou-me tudo que aconteceu desde quando invadiu a sua antiga casa até o momento em que o encontrei. Toda aquela história parecia um sonho louco, olhava para o rosto perturbado do meu amigo, preocupado. Mas não havia como negar a veracidade daqueles acontecimentos, eu vi a neve, a casa. O relicário.

“eu a perdi outra vez... perdi outra vez” repetia. Retruquei:

— Não é possível perder o que nunca se teve, mas os sonhos nunca se perdem, nem mesmos os impossíveis.

“Mas a vida não é feita de sonhos... quem vive deles?”

Sem resposta para isso, dei a partida no carro, seguimos calados por alguns minutos, eu guiando por ruas que conhecia muito bem, deixava a mente vagar, ele compenetrado no relicário, o abriu. Duas fotografias desbotadas que não consegui distinguir os rostos. Foi então que lembrei-me da história de nossos pais.

— Não é verdade o que você disse, é possível viver de um sonho ou até morrer por ele. É só lembrar-se da revolução, das pessoas que morreram para derrubar o regime militar.

“Sim, mas por que está falando nisso?” ele falou como se tudo isso não tivesse sido importante pra ele, como se não soubesse que dia era aquele.

— Como assim por que, você esqueceu que dia é hoje? 27 de fevereiro?

“ O que? Estamos perto do carnaval?”

— Não! Você esta brincando comigo? Não estou falando do carnaval, estou falando do “Dia da Fuga” lembra? Você parece que perdeu a memória.

“Não perdi não, só algumas coisas que estão me fugindo” confessou ele, perdido.

— Você não se lembra da história? O dia em que os presos militares fugiram misteriosamente... era carnaval, mas isso não vem ao caso.

“ Espera, hoje então, é o dia da reunião, não é?”

— Ah! Finalmente lembrou-se de algo, sim é hoje. Por isso tinha que te encontrar. Este ano vai ser especial. Pensei que você tinha pirado de vez, cara!

Mais alguns minutos de silêncio.

— Você já está melhor com aquela história da sua avó?

Ele demorou um pouco a responder.

“Acho que sim, essa história toda, fez-me enfrentar alguns fantasmas... sabe, a Alba, antes de... se desfazer... me chamou de ‘meu pequeno’. Só minha avó me chamava assim.”

— Estranho... O que será que isso quer dizer?

“Não faço idéia... mas me faz pensar coisas...”

— Na carta... o irmão dela também se despedia desse jeito, não é?

“Verdade...”

Estávamos chegando, o bairro estava estranhamente deserto, sem os vendedores ambulantes, nem os mendigos, ou qualquer alma. Parecia que as lojas estavam todas fechadas há muito tempo. Algumas tinham sinais de arrombamento. Mas a paisagem era a mesma de semanas atrás, quando arrumamos o lugar para a festa.

“Onde estamos indo?”

— Você não reconheceu o lugar?

“Não, as ruas aqui parecem todas iguais...” Eu ri. Costumávamos completar essa frase com um “mas não para nós”. Então disse:

— Estamos indo buscar o que você perdeu.

Ele continuou em silêncio.

Passsei pela lateral do prédio virando à esquerda, estacionei a frente da entrada principal.

“Nossa escola? O que viemos fazer aqui?”

— Bom, ao menos o prédio de Arles você reconhece, logo você vai saber.

Atravessamos o portão de ferro, demos um olá ao busto de bronze, uma antiga brincadeira, e subimos as escadas.

— Esta com a chave aí? — ele fez que não com a cabeça — Procura no seu chaveiro.

Ele vasculhou a jaqueta manchada de sangue encontrando o molho de chave. Todas eram semelhantes. Ele me entregou todas, sem vontade de achar à correta.

— É esta aqui, a mestra.

A porta apesar de grande e pesada, abriu facilmente. Seguimos o corredor de chão quadriculado. Vicente parecia maravilhado em revê-los. Virou a direita seguindo para as escadas.

— Aonde você vai? Gritei em pergunta. Não me respondeu, mas descobri onde queria ir.

Esperei ao lado do corredor que ele voltasse.

“Parecia que todas as épocas desse prédio passaram pelos meus olhos.” Disse ele quando voltou. “Estava lá no último andar, queria rever nossa sala de aula. E quando cheguei ao corredor, foi como se mil fantasmas passassem por mim, milhares de rostos, alunos, professores, médicos, doentes, muitas moças, alguns homens uniformizados. Até que chegou à nossa época, quando estudávamos aqui, aí tudo ficou lento, vi centenas de rostos conhecidos, mas não eram como antigamente, estavam todos adultos, na nossa idade de agora. Foi bastante estranho”

— Mas e a nossa sala, como está?

“Primeiro fui à sala de Alba. A vista das linhas de ferro ainda são impressionantes. Mesmo agora que elas estão abandonadas. Os destroços dos trens me pareciam um *dejavu*. Depois fui ver a nossa. Estava vazia como as outras, sem as antigas pranchetas... mas foi bom rever aquelas grandes janelas. A vista da quadra... notei que a porta da guarita central estava aberta. Achei estranho, sempre a deixavam fechada com correntes e cadeados.

Sugeri como se fosse uma idéia súbita.

— Vamos até lá? A gente sempre quis saber o que tem lá embaixo!

“Esta bem, mas ainda não me disse o que viemos fazer aqui, era pra darmos uma de adolescentes?”

— Quem sabe, vamos logo, vai!

Ri da desconfiança dele. Era tudo divertido pra mim naqueles dias.

Seguimos então para o pátio. A poeira cobria boa parte dele, a luz era alaranjada pelo sol. Parecia que ali a chuva não tinha dado as caras, nem gelo ou água, o portão que ligava o pátio à quadra estava aberto, seguimos por ele até a casinha central. Uma estranha guarita em um lugar estranho — ao lado da quadra de esportes.

Como Vicente tinha dito, a porta estava aberta. Subimos o primeiro degrau, tudo estava escuro lá dentro. Depois de alguns passos notamos que havia uma escada que descia.

“O cheiro aqui está mil vezes pior que o da minha casa!” Disse ele, e realmente estava bastante ruim, mesmo tendo deixado a porta aberta aquele tempo todo.

Guiava, indo à frente, até o fim da escada. Ouvi o som do isqueiro de Vicente atrás de mim, pedi para que ele me deixasse segurar. Dei alguns passos e antes que ele me alcançasse desliguei-o.

“O que foi. Acabou o gás?”

— Psiu, acho que têm pessoas aqui! Sussurrei.

Vicente esperou atrás de mim, ouvíamos murmúrios que pareciam distantes. Foi então que ouvimos a voz de Octávio ecoar ainda no escuro:

“Hoje é uma noite especial! Eu era jovem ainda quando visitei a cidade pela primeira vez, e cheguei em uma estranha época. Anos à frente do meu tempo.

Minha missão era como a do meu pai. Libertar prisioneiros, libertar guerreiros. Fui chamado por um grupo de revolucionários, o plano era resgatar presos políticos. Em especial Basílio, Luiz e Denis, importantes militantes que seriam executados.

Iríamos nos aproveitar dos dias de carnaval, invadir a prisão, libertar os presos e trazê-los para um esconderijo próximo. Estas galerias, que se uniam a vários pontos da cidade pelos túneis dos esgotos.

Os detalhes dessa façanha vocês já estão cansados de ouvir, e como sabem, libertamos trinta dos presos, conseguindo infelizmente, trazer apenas vinte cinco deles para Arles.

E são essas vinte cinco famílias que estão aqui hoje, quase trinta anos depois daquela noite!

Pela primeira vez voltamos a este lugar, onde seus pais, mães, avôs e avós, encontraram alívio do medo do cárcere, da tortura, e da morte esquecida; para a liberdade, para o futuro que lutaram. Para ver o sonho pelo que viveram tornar-se real. Parabéns a todos eles!”

As luzes se acenderam nesse momento, gritos e palmas fizeram-se ouvir. A festa tinha começado.

Vicente não entendeu o que estava acontecendo. Até que eu disse:

— Surpresa! Feliz “Dia da Fuga”!

Levei-o para cumprimentar as pessoas, alguns dos nossos grandes amigos estavam lá descendentes dos guerrilheiros libertos e alunos de Arles. Foi ali que a maioria de nós se conheceu, e foi ali que nos reencontramos dessa vez, após anos.

Estranho como lembro-me de cada detalhe desse dia.

“Não acredito, estão todos aqui! Como é bom rever esses rostos” disse-me Vicente após reencontrarmos alguns dos nossos colegas de classe.

“Mas quem foi que fez o pronunciamento?”

— Seu avô, o Octávio, ele deve estar por aí!

Quando disse essas palavras Vicente ficou alerta, olhando para todos os lados procurando um rosto que não conheceu, mas que se lembraria pelas feições semelhantes as suas, pelo sonho que teve. Rodou pela grande galeria e as duas outras menores que se ligavam a ela. Estavam todas decoradas com faixas e balões vermelhos e pretos. Algumas caixas de som pelas paredes, a banda com instrumentos de sopro e piano, começaram a tocar no palco

improvisado, algumas mesas pelos cantos do aposento, deixando o centro livre para a dança. Em um canto mais distante o bufê.

Alcansei Vicente e disse que o levaria para ver Leocádia e Antônio que estavam ali também.

Leo ficou assustada ao ver as manchas de sangue nas roupas de Vicente. Mas ajudei-lhe a se acalmar. Antônio estava eufórico, queria contar para o pai sobre o bisavô com o qual conversou e brincou.

“Todos vocês já o conheceram menos eu! Onde ele está?”

Wilma se aproximou de nós nesse momento, com um vestido novo, abraçou Vicente com força.

“Ainda bem que conseguiu chegar a tempo, Vi!” trazia às suas costas seus dois amigos que assumiram a forma de gêmeas idênticas da idade de Wilma.

“Foi difícil, mas consegui chegar, você também encontrou o Octávio?”

“Encontrei sim, estava conversando com ele agorinha, me disse que logo vamos sair em uma viagem! E a Alba, não pode vir?” Ele se abaixou, seu rosto era triste. Só então que Wilma viu o medalhão que Vicente tinha colocado ao pescoço.

“ Ah, então... ela foi embora, que bom.” Ela sorriu, mas era evidente a tristeza em seu olhar. Chamou Antônio para ir brincar com ela e seus amigos na quadra.

“Espera, onde está o Octávio?” perguntou ele, mas a garota não o ouviu.

Falei para Vicente se sentar um pouco, afinal o dia tinha sido longo. Leo não parava de olhar para ele, o abraçou com ternura.

“Onde você estava mocinho? Fiquei preocupada!”

“É...”

— Uma longa história! Completei. E demos risadas, porém Leo ainda estava séria querendo saber o que aconteceu. Ele perguntou se podia resumir ao máximo, ela concordou.

“... e acho que tudo isso que está acontecendo é obra desse Octávio, e aquele sonho que tive com um velho que me dava uma chave, lembra, que te contei?”

“ Sim, eu lembro. Ele veio falar comigo e com o Antônio, falou que era seu avô, achei estranho, você nunca me falou dele.”

“Isso porque eu nunca soube nada dele...”

— Ele disse que tem planos para o futuro, que vai mudar as coisas! Nada vai ficar como agora, no descaso. Parece que estamos próximos do fim. Não podemos deixar... Renovação será a resposta, desenvolvimento intelectual, a vida mais cômoda novamente, mais segura. Já imaginou Vicente, a gente voltando a pintar! Exposições, livros, reconhecimento. Um lugar melhor para nossas famílias. Uma vida decente para o Antônio, já pensou?

“ Espera aí, espera. Devagar, o que foi essa explosão de esperança e euforia, em Salvador, tantas idéias malucas?”

— Não são idéias malucas, foi o Octávio que falou!

“O quê? Quem esse Octávio pensa que é? Deus? E outra, o que te deu hoje, voltou a ter vinte anos, a acreditar em utopias? Acorda, a vida é isso aqui, não tenta inventar outra.”

Aquelas palavras me entristeceram.

— O que foi, porque você não pode acreditar? Lutar por algo melhor, é um crime? Não posso? Fica aí então, não faça nada.

“Salvador, não fica assim, da um tempo para o Vicente, quando ele conhecer o Octávio vai entender você”

“Até você Leo, cadê ele então, estou querendo mesmo conhecê-lo. Só estou recebendo os recadinhos dele até agora, e nada de vir falar comigo, nunca veio.”

— É melhor mesmo eu dar um tempo, vou lá fora respirar.

Deixei-os a mesa, ouvi Leocádia chamá-lo para conversar. Atravessei a pista de dança, trocando sorrisos e cumprimentado pessoas que não reconheci. Peguei uma taça de vinho à mesa e subi as escadas.

Sentei ao lado da guarita olhando para a quadra, Wilma e Antônio brincavam com uma bola grande e vermelha, jogavam um para o outro. enquanto do outro lado um homem já de idade avançada sorria e observava, a seu lado Hugin e Munin, que agora, exibiam seus longos cabelos negros e sorrisos idênticos.

Octávio chamou Wilma para perto, apontava as gêmeas, e dizia algo no ouvido da garota. Depois, beijou a fronte de Hugin, e sugando-a fez com que desaparecesse, repetiu o movimento com Munin. Wilma parecia desapontada, Octávio tentava consolá-la, disse mais algumas palavras ao seu ouvido fazendo-a pular e gargalhar. Antônio olhava a distância segurando a bola vermelha. Até que percebeu a minha presença e veio sentar-se comigo.

“Ele disse que ela vai embora, logo agora que eu achei alguém pra brincar!”

— Sabe o mais estranho? É que ela nem deveria estar aqui meu rapaz!

Wilma e Octávio vinham em nossa direção.

“Vim me despedir.”

Deu um forte abraço em Antônio, “Estava com saudades da suas brincadeiras, Vi, o vovô disse que logo a gente vai se ver, quem mandou esquecer tantas coisas pelo caminho?”

Não entendi bem o que aquilo queria dizer. Ela também me abraçou, olhou em meus olhos por alguns momentos. Não disse nada. E se virou para Octávio que sorria.

A garotinha então desabotoou o vestido na altura do peito. Abaixo, escondia mais três botões sobre a pele, abriu-os.

Tentou alcançar algo entre as costelas, mas não conseguiu. Octávio então se adiantou, e pescou algo entre os dedos. Semblante concentrado, puxou-o, enquanto protegia com a outra mão, não me deixando ver o que era.

A mocinha perdia aos poucos a viva cor da sua pele e seus cachos escuros. Tudo ficou cinza, e ela se desfez em pó.

Olhei para o alto vendo as inúmeras janelas de Arles, circundando a quadra de esportes. No ultimo andar vi o vulto de uma moça olhando pela janela, seu rosto mantinha-se nas sombras, no andar abaixo, mais uma silhueta nas sombras, também uma mulher a me observar, mais duas mulheres em diferentes pontos do prédio apareceram nas janelas. Queria distinguir aquelas feições, mas em um segundo todas desapareceram.

— O que acontece agora, Octávio?

“Infelizmente, nada. Você acreditaria que tudo isso possa ser um sonho?”

— Acredito, mas não parece meu sonho, porque eu não consigo mudar nada nesse lugar.

“É, a vida é assim. o mundo não nos pertence, mas sim, nós a ele.”

— E agora, o que eu faço?

“Você? pode voltar para um dia depois do enterro, que tal? E procure o Vicente outra vez, tente fazer melhor dessa vez.”

— O quê? Como assim?

E Foi então que eu acordei e liguei pra você, na verdade, não sei bem se estou acordado.

Segurei a mão do garoto. Antônio parecia feliz ao meu lado.

Lá fora o som das sirenes. Vicente estava fazendo outra vez. Para onde ele esta nos levando? Acho que nem mesmo ele sabe.

Descemos novamente para a festa. Este seria o momento final, a última prova de Vicente. Quem sabe ele conseguiria sair deste lugar. Estava torcendo por ele, pois isso era o mesmo que torcer pra mim, torcer por nós.

Antônio parecia preocupado, e me perguntou:

— Você também vai embora?

“Eu não queria ter ido nunca, mas como da outra vez, logo serei obrigado.”

— Ah, que droga, eu gosto das suas mágicas. Ensine algumas para o papai?

“Pode deixar, vou tentar ensinar algumas coisas para ele, estou tentando...”

Lá embaixo a música tocava alta. Disse para Antônio ir brincar com as outras crianças. Estava na hora de conversar com Vicente. Ele sempre teve medo desse mundo, dessa realidade, mas não adianta fugir. Olha o pesadelo que ele criou?

Não estavam na mesa, fui para as galerias menores, onde o som da música não incomodava tanto. Lá estavam os dois, discutindo. Os grandes olhos de Leocádia tentando trazer Vicente para seu estado normal, para o mundo. Mas em sua mente só se fixavam seus medos do amanhã, dos que se foram, do que desconhecia. O medo de mim.

“Olá, meu neto, estava à minha procura?”

“Sim estava, preciso de respostas, e você parece saber de tudo, não é?”

“Leo, pode ir para o salão por alguns momentos?”

“Esta bem Octávio, por favor, ajude o Vicente.”

Ela foi até o marido e o beijou com carinho. Disse um até logo, e saiu, deixando o som da batida dos seus sapatos sobre o chão. Passou pelo batente, fechando a grade e abaixando as cortinas.

“Vem comigo, tenho que te mostrar uma coisa.”

Seguimos por um labirinto de galerias, todas iguais, vazias, apenas com lixo e destroços pelo chão até chegar ao fim do corredor. Todo o percurso era iluminado por velas, dando um ar fantasmagórico as nossas sombras. Na última galeria, havia uma mesa, algumas cadeiras e poltronas, um grande arquivo e no canto oposto algo como um grande cofre.

“Vê este cofre? É aqui que vai encontrar suas respostas. Mas não se engane, na verdade o cofre em si apenas esconde uma passagem, atravesse-a, e quem sabe encontre o que procura. Tome, vai precisar disso.”

Joguei a ele a chave mestra.

“Você a esqueceu lá em cima.”

“ O Que é isso?”

“Uma Chave”

“Que é uma chave eu estou vendo, quero saber pra que serve, e porque você me deu?”

E novamente, começávamos.

“Pra que serve uma chave em, meu rapaz?”

“Você entendeu o que eu quis dizer!”

“Tudo bem. Eu explico: depois do cofre, existe uma porta, e esta chave vai te ajudar a atravessá-la”

“ O que? Só isso? E aquela história toda, que esta é uma chave especial e bla,bla,bla?”

“Isso você já sabe não é? Afinal, foi ela que te trouxe aqui”

“Porque você não vai direto ao ponto? Como saio daqui?”

“As pessoas chegam aqui por algum motivo. Algo que não se pode evitar. Que chega para todo mundo. Você, no entanto, veio mais cedo do que deveria, agora precisa achar seu próprio caminho para fora. E rápido, pois há pessoas que precisam de você lá fora.”

“Sabe, pode ficar com sua chave, eu tenho o que preciso aqui, minha família, meus amigos. As coisas estão meio confusas, mas eu vou entender e tudo vai ficar melhor”

“Você não deseja sair?Olha, não existe devolução, você a buscou, agora a tem. Não preciso mais dela”

Distante, a música da festa parou repentinamente. Seguida de gritos e sons estranhos.

“Olha o que você fez... os chamou. E ainda me chama de maluco. Vai, aproveita que ainda dá tempo de salvá-los, mas tome cuidado... bom... você já sabe”

“Estou cansado desses seus joguinhos. Eu vou, vou mesmo cuidar deles, e não quero mais você brincando com minha vida, com seus mistérios.” Vicente jogou as chaves contra mim. Deixei-as cair ao chão.

“Eu? A culpa nunca é sua não é, projeta tudo no mundo e nas pessoas a sua volta. Venha me procurar depois que acabar aqui. Mas vá rápido, quem sabe ainda dê tempo”

Olhamos para a chave.

“Tem certeza que não vai levá-la? Pode precisar...”

Mais gritos, a voz de Leocádia chegava fraca pela distância. Chamava por mim.

Vi o olhar de ódio do meu neto. Virei-me e atravessei o cofre... ele viria atrás de mim.

**

Vicente correu respondendo aos chamados da esposa, ela estava junto as grades, não conseguia abrí-la, entre suas pernas Antônio chorava assustado. Atrás dela: correria, fogo, e sons de tiros.

“Os soldados nos encontraram!”

“O que esta acontecendo, o que eles querem?”

Vicente forçava o portão, mas não conseguia abrir.

“Não sei, eles estão atrás dos guerrilheiros, acham que somos nós!”

“Como assim, a revolução já acabou há décadas!”

“Estão atirando, rápido, temos que abrir essas trancas, antes que eles me vejam!”

Ele lembrou-se da chave no chão.

“Espera, eu sei como abrir!”

Correu o mais rápido que pôde, lutando contra a dor que os pequenos cortes que sofreu o faziam sentir. Encontrou a chave no mesmo local, mas não viu rastros do Octávio.

Voltou o mais rápido possível às grades. Há alguns metros via o rosto de Leocádia e Antônio, viu surgir atrás deles um soldado armado, que atirou na sua esposa e no seu filho. Dois corpos caíam ao chão.

Vicente ficou parado, vendo o olhar de Leo se apagar, enquanto o rosto de Antônio permaneceu nas sombras o tempo todo. Não pode vê-lo.

O Soldado aproximava-se da grade, vendo a silhueta de um homem sobre a fraca luz da vela que se apagava.

Ele virou-se tentando correr. Um tiro atravessa suas costas. Ele cai de joelhos na escuridão.

O Soldado tenta abrir as grades mais não consegue. Gritos de retirada. A festa tinha acabado. Uma fumaça começava a invadir todas as galerias. Alguns gemidos, o som dos passos se afastando. Não deixaram muito para trás.

Ele se lembrou do sonho que teve, do tiro. Pensou que tudo tinha a ver com sua avó. Mas não, os fatos se embaralhavam na sua cabeça, e não sabia a ordem certas das coisas, nem quais foram sonho e quais aconteceram.

Precisava alcançar a fechadura, como no sonho. Precisava chegar ao cofre. Levantou-se e com suas últimas forças, seguia apoiando-se nas paredes. Pensou estar perdido entre as galerias. Não podia morrer ali, o sangue escorria, a fumaça dificultava a sua respiração.

Avistou o fim da galeria, a única vela acesa. Arrastou-se até lá. Pensava em seu filho e sua esposa ao chão. Quando é que a moça de vestido branco viria te ajudar?

Finalmente em frente ao cofre, não acreditou, estava trancado. A combinação? Qual seria?

“O Dia da fuga, quem sabe?”

27-02-79. Um clique. Girou a alavanca. Fez força para puxar a grande porta de ferro. Sentia-se fraco. Jogou o corpo para dentro do cofre, não podia enxergar nada. Procurava com as mãos alguma fechadura. No canto direito encontrou o que procurava.

Ao abrir a porta, uma forte luz quase lhe cega. Arrastou-se para o outro lado, não distinguia chão ou paredes, diversas cores se dividiam e se uniam em diferentes tons. Quatro mulheres lhe esperavam. Com seus vestidos longos e brancos, seus rostos estavam cobertos com um véu. Não conseguia distingui-los.

Elas foram até ele, e tiraram suas roupas, limpando seus ferimentos. Ele gritou por Octávio. Ficou com ele apenas a chave em suas mãos, e o relicário em seu pescoço. A mais baixa das quatro, uma garotinha, foi até ele, tirando-lhe das mãos a chave, e depois colocou-a em um molho lotado de objetos semelhantes. A segunda cortou o cordão que prendia o relicário em seu pescoço. A terceira o ajudou a levantar. Enquanto a quarta mulher a sua frente, traçava um retângulo no ar, e puxava seu centro, fazendo uma janela. Por ela, Vicente viu Octávio desaparecer em brumas. Sentia-se mais forte, andou até a janela, e com um pouco de dificuldade, saltou-a.

As moças gargalharam e a janela fechou-se. Ele prosseguiu, queria encontrar o avô. Queria sua vida de volta.

As brumas se apagavam, e ele estava novamente no quarto de Alba, a cama de solteiro com colcha rosa, estava desbotada, quase que se apagando. Uma moça apareceu a sua frente estendendo-lhe a mão, pedia que ele ficasse com ela, mas ele correu, se jogando contra a grande janela de vidro.

Foi como mergulhar nas águas do mar em um rigoroso inverno, sentia seu corpo congelar. Nadava tentando sair o mais rápido possível daquele lugar. Uma pequena luz amarelada a frente. Estava chegando ao fim daquele estranho túnel.

Porém a figura de uma garotinha apareceu ao seu lado, pedindo-lhe também pra ficar com ela. Novamente ele seguiu em frente deixando-a lá, flutuando no líquido que os envolvia.

Vencendo a parede gelatinosa, Vicente caiu. Estava novamente em seu quarto. No chão, o corpo disforme do seu monstruoso tio decapitado, algumas penas negras à sua volta. Fios de barbante saíam dos seus ferimentos.

Viu Octávio, seu avô, passar pelo corredor. Correu atrás dele, a luz do dia invadia a casa. Chegando a cozinha viu que ele seguia em frente, mas não conseguiu alcançá-lo. Apressou-se, lembrou que não teria mais saída a frente.

Vicente tinha finalmente alcançado Octávio. Mas parecia que só havia conseguido porque esse era o desejo do seu avô.

Octávio disse novamente algumas frases que não faziam sentido a Vicente. Abriu a camisa, e tinha sobre o peito três botões na horizontal. Desfez um a um. Puxando seu rosto.

Vicente viu a si mesmo, no rosto de Octávio. Os dois, os mesmos. Uma linha vermelha atravessava o peito de Octávio, caía de suas costas. Perdendo-se nas sombras.

Caíram de joelhos. “Não consegui...” disse Vicente vendo seu avô se desfazer. Desaparecer.